

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

CLEUNICE MARIA SCHLEE

**SEM MEDALHA NOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016 E NO GLOBO ESPORTE:
A REALIDADE DO FUTEBOL FEMININO BRASILEIRO**

Porto Alegre

2016

CLEUNICE MARIA SCHLEE

**SEM MEDALHA NOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016 E NO GLOBO ESPORTE:
A REALIDADE DO FUTEBOL FEMININO BRASILEIRO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharela em Jornalismo pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr^a Sandra de Fátima Batista de Deus

Porto Alegre

2016

CLEUNICE MARIA SCHLEE

**SEM MEDALHA NOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016 E NO GLOBO ESPORTE:
A REALIDADE DO FUTEBOL FEMININO BRASILEIRO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharela em Jornalismo pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profª Drª Sandra de Fátima Batista de Deus

Aprovado em ___ de _____ 2016

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª Sandra de Fátima Batista de Deus (Orientadora)

Drª Silvana Goellner

Drª Sabrina Franzoni

AGRADEDIMENTOS

Quero agradecer a todas as mulheres que lutaram e, ainda, lutam para que as praticantes de futebol feminino sejam reconhecidas dentro de campo, pela torcida, no jornalismo esportivo e na sociedade e a todos os que se dedicam a estudar o tema e buscar visibilidade para a modalidade.

Obrigada seleção brasileira de futebol feminino por me proporcionar momentos de euforia e emoção durante esses dez anos que acompanho a equipe e, em especial, na Olimpíada Rio 2016 que representou um dos momentos mais tristes e de maior aprendizado para o futebol feminino brasileiro. Que esse 4º lugar sirva para que a modalidade receba mais atenção, apoio e investimentos.

À minha família e amigos por toda a paciência e motivação e à minha orientadora Profª Drª Sandra de Fátima Batista de Deus por toda dedicação e auxílio na produção deste trabalho.

“Observa-se uma resistência à inserção das mulheres nos gramados, como se o brilho do esporte pudesse ser diminuído pela sua prática”

(As Narrativas sobre o Futebol Feminino, MOURAO, MOREL)

RESUMO

Este trabalho pretende mostrar como o jornalismo esportivo brasileiro representa o futebol feminino através da análise das reportagens que foram veiculadas pelo Globo Esporte sobre a participação das seleções brasileiras de futebol feminino e masculino na Olimpíada Rio 2016. Foram selecionados os programas de 1º a 22 de agosto e analisados os espaços recebidos por cada equipe a partir de uma construção histórica e social do futebol brasileiro com o objetivo de entender como as duas modalidades se desenvolveram no país. A base teórica explica os conceitos de Jornalismo, Jornalismo Esportivo, Futebol e Análise de Conteúdo. As considerações finais apontam para as diferenças na forma de representar o futebol feminino e masculino através das notícias veiculadas pela mídia brasileira em uma competição de grande relevância esportiva realizada dentro do país.

Palavras – Chaves: Futebol Feminino, Jornalismo Esportivo, Seleção Brasileira de Futebol Feminino, Globo Esporte, Olimpíada Rio 2016.

ABSTRACT

This study intends to show how Brazilian sports journalism represents women's soccer through the analysis of reports that were broadcasted by Globo Esporte about the participation of the women's and the men's soccer teams in the Rio 2016 Olympic Games. The TV shows aired between August 1st and August 22nd were chosen and the amount of time dedicated to each team was analyzed from a historical and social construction of Brazilian soccer in order to understand how both sports have developed in the country. The theoretical base explains the concepts of Journalism, Sports Journalism, Soccer and Content Analysis. The final considerations point to the differences in the way of presenting women's soccer and men's soccer on the news broadcasted by the Brazilian media during a competition of great sporting importance held in the country.

Keywords: Women's Football, Sports Journalism, Brazilian Women's Soccer Team, Globo Esporte, Olympic Games Rio 2016.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - SELEÇÃO FEMININA.....	57
TABELA 2 - SELEÇÃO MASCULINA.....	58
TABELA 3 – COMPARAÇÃO ENTRE AS DUAS SELEÇÕES.....	59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 JORNALISMO	14
2. 1 Teoria, Verdade e Essência Jornalística.....	14
2. 2 Jornalismo esportivo.....	19
3 FUTEBOL	27
3. 1 Futebol Feminino.....	28
3. 2 Futebol Masculino.....	35
3. 3 Futebol nos Jogos Olímpicos.....	37
4 CONCEPÇÃO METODOLÓGICA	39
4. 1 Análise de Conteúdo.....	39
4. 2 Programa Globo Esporte.....	41
4.2.1 Programa do dia 01 de agosto (segunda-feira).....	42
4.2.2 Programa do dia 02 de agosto (terça-feira).....	43
4.2.3 Programa do dia 03 de agosto (quarta-feira).....	44
4.2.4 Programa do dia 04 de agosto (quinta-feira).....	45
4.2.5 Programa do dia 05 de agosto (sexta-feira).....	46
4.2.6 Programa do dia 08 de agosto (segunda-feira).....	46
4.2.7 Programa do dia 09 de agosto (terça-feira).....	47
4.2.8 Programa do dia 10 de agosto (quarta-feira).....	47
4.2.9 Programa do dia 11 de agosto (quinta-feira).....	48
4.2.10 Programa do dia 12 de agosto (sexta-feira).....	49
4.2.11 Programa do dia 13 de agosto (sábado).....	50
4.2.12 Programa do dia 15 de agosto (segunda-feira).....	51
4.2.13 Programa do dia 16 de agosto (terça-feira).....	51
4.2.14 Programa do dia 17 de agosto (quarta-feira).....	52
4.2.15 Programa do dia 18 de agosto (quinta-feira).....	52
4.2.16 Programa do dia 19 de agosto (sexta-feira).....	53
4.2.17 Programa do dia 20 de agosto (sábado).....	54
4.2.18 Programa do dia 22 de agosto (segunda-feira).....	56
5 ESPAÇOS DE (IN)VISIBILIDADES	61
5.1 Ordem de Apresentação das Matérias.....	61

5.2 Quantidade de Reportagens no Programa.....	64
5.3 Número de Repórteres Envolvidos.....	65
5.4 Os personagens.....	67
5.5 Tempo de Duração das Matérias.....	69
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	74

1 . INTRODUÇÃO

O estudo resgata o apreço ao futebol feminino e o desejo de dar visibilidade à modalidade. Acompanho a representação do futebol feminino no Brasil há alguns anos, desde que comecei a praticá-lo. Mais do que isso, ao longo de uma década busco informações sobre a seleção feminina, as competições e notícias sobre as atletas que gosto e admiro. Porém, na mídia tradicional brasileira é pequeno o espaço destinado à modalidade feminina, principalmente, para entender a formação tática e a parte técnica que tanto é esmiuçada e comentada no futebol masculino. Assim, me deparei, muitas vezes, com a decepção de encontrar pouca ou nenhuma informação sobre o futebol feminino enquanto os destaques de alguns sites e programas de jornalismo esportivo se dedicavam a fazer especulações detalhadas sobre atletas e clubes de futebol masculino.

O Brasil é conhecido mundialmente como o país do futebol. O esporte ocupa a maior parte dos programas esportivos nacionais e das rodas de conversa, é responsável por gerar grandes audiências para a televisão aberta durante a transmissão de partidas e está entre os lazeres mais comuns dos brasileiros. No entanto, não estamos falando do futebol como uma modalidade esportiva disputada por homens e mulheres, mas do futebol que, para muitos, é sinônimo de futebol masculino e que marginaliza o futebol feminino.

O esporte, que surgiu na Inglaterra, tornou o Brasil seu maior protagonista na modalidade masculina, de 1960 aos anos 2000, graças a sua participação em todas as edições da Copa do Mundo e por ser a única seleção nacional a levantar cinco vezes a taça de campeão Mundial. Além disso, o país apresentou ao mundo “Pelé, o rei do futebol” e aos brasileiros o jornalismo esportivo que ganhou espaço e se desenvolveu por influência do esporte. Tanto que atualmente a maioria dos jornais impressos, de rádio ou televisão reserva um espaço para falar sobre as competições de futebol.

Entretanto, a grande visibilidade que o esporte adquiriu ao longo dos anos no cotidiano, na mídia e na sociedade se refere, apenas, ao futebol masculino, pois o feminino fica escondido e na perspectiva de conquistar espaço. Apesar de ter a jogadora que mais vezes ganhou a Bola de Ouro da FIFA como melhor jogadora do

mundo, Marta, de nomes de relevância internacional, como Formiga¹, Andressa Alves² e Cristiane³ e de conquistar posições de destaque na maioria das competições disputadas, a seleção feminina de futebol encontra dificuldade para ser reconhecida pelos meios de comunicação brasileiros. Canais esportivos fechados de televisão como BandSports, ESPN e SporTV costumam transmitir alguns jogos oficiais da seleção feminina. Porém, nem eventos importantes como a Copa do Mundo de Futebol Feminina são reproduzidos pela TV aberta, à exceção da Rede Bandeirantes e da TV Brasil que tentam incentivar o futebol praticado pelas mulheres no país, transmitindo partidas da seleção como ocorreu na Copa do Mundo de 2015 realizada entre os dias 13 e 22 de junho.

Nas competições em que as duas seleções possuem o mesmo grau de importância, como os Jogos Olímpicos e o Pan Americano, é possível analisar o espaço destinado às equipes feminina e masculina, além das abordagens discursivas utilizadas nas matérias veiculadas pela imprensa, o número de repórteres e as vozes que ganham destaque nas reportagens. Por isso, escolhi a Olimpíada Rio 2016 para avaliar como o esporte é representado pelo programa de televisão Globo Esporte em um campeonato que possui o mesmo significado esportivo para as duas seleções e disputado dentro do Brasil.

O programa Globo Esporte da Rede Globo foi escolhido como objeto de análise por ser o programa esportivo de maior visibilidade nacional e por ser transmitido pelo principal canal de televisão aberta do país. Ainda, o programa é o único a falar diariamente sobre esportes na emissora e pode ser compreendido como um resumo das notícias esportivas do dia. O horário de veiculação também é um atrativo forte ao Globo Esporte, pois ele é transmitido no período em que a maior parte dos brasileiros está almoçando e a televisão fica ligada como companhia durante este momento, normalmente no canal de melhor qualidade de imagem, a Globo.

¹ Miraildes Maciel Mota, a Formiga, estreou, aos 16 anos, na seleção brasileira de futebol feminino em 1995. Jogando como volante, ela se tornou um dos grandes símbolos do futebol feminino brasileiro por ter no currículo seis Copas do Mundo (1995, 1999, 2003, 2007, 2011 e 2015) e cinco Olimpíadas (1996, 2000, 2004, 2008 e 2012). É a única atleta de futebol feminino a participar de todas edições da modalidade nos Jogos Olímpicos.

² Andressa Alves da Silva é atacante e passou pelas categorias de base da seleção até chegar na equipe principal. Iniciou na modalidade aos 15 anos jogando no Juventus, de São Paulo. Atualmente, defende as cores do Barcelona.

³ Cristiane Rozeira de Souza Silva é uma das principais atacantes brasileira. Aos 31 anos, está no Paris Saint-Germain da França e foi finalista da Bola de Ouro em 2007 e 2008.

Para poder compreender melhor este estudo ele estará dividido em capítulos: Jornalismo, Futebol, Metodologia, Espaço de (In)visibilidades e Considerações Finais. O capítulo sobre Jornalismo procura entender como as pautas são escolhidas e produzidas, o que exige, antes de tudo, apreender o que é o Jornalismo e quais são as teorias que se dedicaram a estudar a profissão. O Jornalismo ocupa um espaço importante na sociedade sendo um dos responsáveis por informar à população. Entretanto, ao longo dos anos, é possível perceber que ele foi perdendo credibilidade. Por isso explorar a essência da profissão se torna necessário para perceber o que realmente rege os jornalistas. Neste capítulo, aproveitamos, também, para explicar como o Jornalismo Esportivo surgiu e como se desenvolveu no Brasil. É essencial, para o objetivo deste trabalho, entender o crescimento da imprensa esportiva e do esporte mais praticado no país para compreender como o futebol feminino e masculino é veiculado na mídia.

O capítulo sobre futebol faz um breve resumo de como o esporte surgiu no Brasil e como conseguiu alcançar tanta visibilidade na modalidade masculina. O futebol praticado por mulheres e homens é explicado em subcapítulos diferentes para preservar a história e identidade de cada um, pois apesar de ser o mesmo esporte, comportam as especificidades de cada gênero e as consequências positivas e negativas impostas pela sociedade brasileira de acordo com a forma como o homem e a mulher foram vistos e compreendidos ao longo dos anos. Utilizamos este espaço, ainda, para fazer uma linha histórica entre o futebol feminino e a sua representação na imprensa brasileira. Apoiada por autores que se dedicam a estudar a modalidade, buscarei concentrar as principais reportagens veiculadas formando uma linha temporal para explicar como o futebol feminino tem sido tratado pelo jornalismo esportivo.

Utilizaremos, para analisar os programas do Globo Esporte, a Análise de Conteúdo, que oferece os preceitos e definições para poder extrair todas as informações expostas e subentendidas nas reportagens. A metodologia adotada procura compreender os caminhos necessários para a realização de uma verdadeira análise das matérias. Todas as informações sobre futebol olímpico apresentadas no Globo Esporte entre os dias 01 e 22 de agosto bem como a forma como serão expostas estão cuidadosamente delimitadas. Para uma melhor organização do conteúdo, dividiremos cada programa em um subtítulo.

2. JORNALISMO

O jornalismo provoca várias dúvidas e discussões sobre o dever da profissão e a prudência nos métodos utilizados na verificação e confecção de notícias. Os campos de pesquisa jornalísticos buscam compreender e relatar a complexidade e a responsabilidade com a essência, a ética e a verdade jornalística. Visto por muitos como o quarto poder, o mediador da realidade ou o manipulador dos fatos, ele ainda suscita a pergunta base feita, há séculos, no início da profissão: mas, afinal, o que é Jornalismo?

2.1 Teorias, Verdade e Essência Jornalística

“Poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de ‘estórias’, ‘estórias da vida’, ‘estórias das estrelas’, ‘estórias’ de triunfo e tragédia” (TRAQUINA, 2005, p. 21). Esta afirmação de Traquina (2005) pode ser vista como a resposta mais simples para a pergunta “O que é Jornalismo?”. Kovach e Rosenstiel (2003) acrescentam que é contar uma história com a intenção de fornecer ao público as informações que ele necessita para entender o mundo. “O primeiro desafio é encontrar a informação que as pessoas precisam para tocar suas vidas. O segundo desafio é tornar essa informação significativa, relevante e envolvente” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003, p. 226).

Para viver em sociedade e conseguir abarcar as pluralidades e diferenças de culturas que compõe a humanidade, o indivíduo precisa perceber e conhecer o outro. Nesse sentido, a comunicação ajuda a reconhecer os partícipes da comunidade em suas mais variadas atitudes e ações. “A informação diária, que pode mostrar o mundo para si mesmo, é requisito indispensável para que o sujeito que se constrói com outros cotidianamente não seja um mero apêndice encostado na sociedade” (KARAM, 1997, p. 24). O acesso à produção de conhecimento e sua conseqüente noticiabilidade pode desalienar os sujeitos e fomentar a rebeldia da população diante dos acontecimentos cotidianos. Por isso, a informação é muito valorizada como propriedade e fonte de lucro, mas, principalmente, como forma de expressão de Poder de quem detém o

controle sobre ideias, opiniões, fatos e suas divulgações em escala social, pública e planetária (KARAM, 1997).

Traquina (2005) afirma ainda que o jornalismo é uma atividade intelectual e criativa desenvolvida com “autonomia relativa” pelos profissionais que estão condicionados pela pressão dos pólos econômico (que vê a notícia como um negócio) e ideológico (que entende que a profissão é um serviço público) e pelas regras editoriais a que os jornalistas estão sujeitos dentro das redações dos veículos de comunicação. Ao mesmo tempo, eles participam da construção social da realidade com a intenção de transformar as notícias em recurso social para a sociedade.

Medina (1998) observa que “a mensagem jornalística resulta da articulação de um conjunto de elementos estruturais característicos do processo de informação” (MEDINA, 1998, p. 73). De acordo com a autora, as notícias seguem, normalmente, um determinado processo de produção: iniciam por uma pauta que pode ser intencional, ocasional ou procurada e que é direcionada por uma angulação de massa, grupal ou pessoal, dependendo do grau de abrangência do acontecimento; recebem a revisão do editor e, em seguida, ocorre a captação de dados principalmente por meio das agências de notícias ou pelos profissionais que estão na redação; por fim, há a formulação da mensagem jornalística. Kovach e Rosenstiel (2003) comentam ainda que a notícia é a parte da comunicação que informa sobre o que está acontecendo e sobre os temas e personagens do mundo sem decidir o que o público deve saber, mas ajudando-o a entender a ordem dos fatos.

Karam (1997) aborda a notícia focando na importância de manter os critérios jornalísticos na sua confecção, pois o surgimento e utilização de novas práticas e tecnologias na produção de informação não pode mudar o foco do jornalismo, que é apresentar as múltiplas manifestações da realidade a partir dos conceitos de “interesse público”, “relevância social”, “fato” ou “acontecimento”. Conforme o autor, a reconstrução da realidade através do uso de técnicas e linguagem específicas transforma a profissão em mais do que um simples reflexo de fatos percebidos: “Torna o jornalismo, como potencialidade, uma forma de conhecimento social da realidade, a partir da reconstrução cotidiana do mundo” (KARAM, 1997, p. 48).

No entanto, para alcançar essa potencialidade e ajudar na reconstrução da realidade, os profissionais precisam perseguir a verdade jornalística, ou seja, buscar

a verdade no sentido de explicar o funcionamento do dia-a-dia através de um processo contínuo em direção ao entendimento que se desenvolve entre a matéria inicial e a interação entre os jornalistas e os leitores (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003). Verdade não é sinônimo de exatidão nem de imparcialidade e equilíbrio: a exatidão é o que sustenta o contexto, a interpretação e o debate, mas não é o suficiente para abarcar a importância dos fatos noticiados com base no interesse público; assim como o equilíbrio pode ser incoerente se os lados expostos na matéria tiverem importâncias diferentes, mas receberem o mesmo espaço; já a imparcialidade não deve ser vista como um fim em si mesma e sim como um instrumento para que o jornalista seja isento em relação aos fatos como explicam Kovach e Rosenstiel (2003).

O jornalismo é considerado um mediador da realidade e responsável por pautar alguns dos assuntos que serão discutidos pela sociedade. Assim, o público cobra do jornalismo obrigações proporcionais à responsabilidade de mediação. Gomes (2009) afirma que princípios e valores como verdade, respeito, equilíbrio, honestidade, correção, lealdade, imparcialidade e justiça devem orientar a busca pelo serviço ao interesse público mesmo em situações em que esse objetivo não fizer tanto sentido. Quando um jornal publica uma reportagem, as pessoas confiam que o que está escrito é condizente com a verdade, por isso acolhem a notícia como sendo um discurso verdadeiro. De acordo com Guerra (2008), o público confia na veracidade porque acredita que os jornalistas prezam por buscar a verdade sobre os fatos.

A verdade jornalística é pautada na disciplina de verificação que separa o jornalismo das outras áreas da comunicação como entretenimento, literatura, arte ou propaganda, e na utilização do uso correto do significado de objetividade. A verificação consiste em apurar as informações buscando entender e compreender o contexto, os sentidos e fatos que abarcam o acontecimento noticioso, dando o espaço apropriado para cada personagem com a intenção de levar a versão mais confiável ao público. Já o conceito de objetividade, quando surgiu por volta da década de 1920, tinha a finalidade de desenvolver um método consciente de testar a informação a partir de um enfoque transparente diante das provas disponíveis para que os preconceitos pessoais ou culturais não afetassem a exatidão do trabalho jornalístico. Naquele período, percebeu-se que muitos profissionais trabalhavam sob perspectivas preconceituosas, de forma inconsciente em muitos casos. “No jornalismo, só explicando como sabemos o que sabemos podemos fazer com que o público possa,

queira, reproduzir a informação. É isso o que significa objetividade de método na ciência, ou no jornalismo” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003, p. 128).

Assim como a verdade e a objetividade no jornalismo despertam questionamentos, a ética jornalística também suscita divergências fazendo com que a discussão sobre a ética profissional ultrapasse os campos do jornalismo para ser explicada dentro da linguística, distinguindo os significados de ética, moral e deontologia. Conforme Karam (1997) a ética, que advém do grego *ethos*, assemelha-se ao entendimento de moral, do grego *moralis*, significando costume, caráter e maneira de ser; já deontologia, derivado do grego *deontos*, significa o que deve ser, ou seja, a solidificação do mundo moral através da reflexão ética em normas sociais concretas pautadas por princípios formais e jurídicos. Guerra (2008) observa que a ética possui normas de condutas que são partilhadas por uma comunidade e que direcionam como as pessoas devem agir, pois representam o comportamento que deve ser seguido para que o indivíduo seja reconhecido pela sociedade.

Na particularidade da ética jornalística, ela só pode ser constituída a partir do pressuposto de que trabalhamos com toda a complexidade da humanidade, que possui diferentes opiniões, códigos, comportamentos e ações em diversos âmbitos da sociedade. Assim, a profissão, como mediadora do mundo, precisa refletir sobre os erros e acertos da informação diária, sobre as técnicas utilizadas e a consciência da ação política, considerando a realidade em sua abrangência, para possibilitar que as pessoas saibam quando e como se manifestar diante do sentido da vida pública (KARAM, 1997).

Daí também que com a carga enorme de acontecimentos diários relevantes para a humanidade, a multiplicidade de meios de comunicação, sua diversidade de proprietários e de controle, a segmentação do mercado e dos conteúdos e variedade de abordagem dos fatos (incluindo a linguagem) *constituem* bases reais para a formulação e defesa de uma ética jornalística que exija uma práxis política consciente do profissional e um compromisso com os desdobramentos gerais do cotidiano (KARAM, 1997, p. 49).

A reflexão ética diz respeito também a verificação das fontes utilizadas, pois as opiniões e relatos vindos de pessoas que participaram, testemunharam ou conhecem os fatos ou envolvidos é o que confere credibilidade ao que o jornalista está mostrando e afirmando. As fontes, como são conhecidas as pessoas que fornecem informação à imprensa, são muito importantes para a efetividade do trabalho jornalístico e mantidas perante o código de ética da profissão.

Na cultura jornalística, a relação entre fonte e jornalista é sagrada e manifestada na importância que a comunidade jornalística dá ao direito de sigilo profissional. O jornalista não deve revelar a identidade da fonte e a quebra do sigilo profissional por parte do jornalista é um ato grave (TRAQUINA, 2005, p. 190).

As fontes possuem, na maioria dos casos, interesses nas informações que estão fornecendo. De acordo com Traquina (2005) há três critérios para avaliar as fontes: a autoridade, fundamental para os jornalistas, pois demonstram qual o tipo de envolvimento e o grau de conhecimento que a pessoa possui sobre o acontecimento; a produtividade, que reflete a escolha de fontes que possam fornecer um maior número de dados e materiais para a notícia, como as fontes institucionais; e, por fim, a credibilidade que exige que os jornalistas avaliem as fontes para depois verificar as informações.

Em meados do século XVII, a revolução da imprensa e a profissionalização do jornalismo, em consequência da revolução industrial, acrescentaram uma nova fonte de receita para os veículos de comunicação: a publicidade que passou a vender espaço nos jornais, sites, programas de rádio e televisão. Segundo Gomes (2009), a mudança do mundo e das suas instituições muda, em consequência, o modo de fazer do jornalismo que abandona o modelo de imprensa de opinião para assumir o modelo de imprensa empresarial direcionada a fornecer as informações que geram maior interesse das audiências. O público passa a ser uma massa de pessoas que é transformada em números nas pesquisas do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) e repassada aos anunciantes como mercadoria. Assim, para os meios de comunicação os sujeitos se tornam audiência, que é convertida em consumidores para o mercado e em eleitorado para o campo político (GOMES, 2009).

Essa audiência é influenciada pelo jornalismo, que atua diretamente nas concepções de sociedade através dos significados expostos nas matérias veiculadas e influenciando o modo como pensamos e enxergamos a realidade. Conforme Silva (2010), o jornalismo incide na construção e manutenção da cultura.

Dos mais diversos produtos dos meios de comunicação, sejam de caráter informacional, ficcional ou comercial, que revelam seu poder simbólico e “educativo”, resultam, concretamente, discursos que circulam amplamente como saberes - de verdades e realidades - e, deste modo, incidem significativamente na cultura (SILVA, 2010, p. 28).

A autora entende o jornalismo como um agente educador que articula a produção de saberes que guiam a cultura e se orientam por meio dela:

A função pedagógica do jornalismo pode ser percebida na circulação e reprodução de conhecimentos socialmente construídos e culturalmente legitimados que ajudam a informar os sujeitos na contemporaneidade. Sua função “educativa” se traduz, sobretudo, pela necessidade de “explicar” o mundo sempre baseado na “verdade” e fazendo uso de recursos técnicos e humanos capazes de ilustrarem esses saberes gerando significados (SILVA, 2010, p. 33).

A evolução histórica, as condições sociais atuais da informação midiática e o jornalista como integrante da sociedade mantém a missão pública da profissão de elaborar e difundir informação de acordo com a verdade, respeitando as pessoas e inserindo a responsabilidade jornalística em uma prática coletiva. “A responsabilidade ética do jornalista tem por fim plenamente em conta a relação que une os *media* a seu público” (CORNU, 1994, p. 432). Os jornalistas fazem as notícias e as veiculam, buscando ajudar os sujeitos a entenderem o ser e estar no mundo, baseados na perspectiva do dever ético de perseguir a verdade jornalística.

2.2 Jornalismo Esportivo

O esporte surgiu na Idade Média e foi evoluindo ao longo dos séculos, gerando interesse na imprensa, apenas, quando as derrotas e os triunfos esportivos começaram a ultrapassar as barreiras das cidades e povos. Assim, surgiu a necessidade de melhorar a forma como os comentários eram disseminados e pequenas notas, notícias e opiniões passaram a ser veiculadas nos jornais europeus a partir do século XIX (ALCOBA, 2005).

Tal éxito produjo la información deportiva que en 1828 aparece en París el *Journal des Haras*, una revista dedicada al deporte, y en 1852 en Inglaterra, el que puede considerarse como el primer diario deportivo, *Sportman* (ALCOBA, 2005, p.38).

Já nos Estados Unidos, segundo Alcoba (2005), as matérias esportivas ganharam espaço nos periódicos depois que o dono do *The New York Journal*, Willian Randolph Hearst, decidiu incluir, em 1895, informações sobre corridas de cavalos e, posteriormente, outras modalidades entre as páginas do jornal. “*Con ello consiguió superar en tirada a todos los periódicos de la Unión, obligando a que sus rivales decidieran a dar espacio que exigía la información deportiva*” (ALCOBA, 2005, p. 39).

O início do século XX no Brasil também foi o começo do jornalismo esportivo brasileiro. As primeiras publicações, ainda no final do século XIX, informavam, principalmente, sobre turfe e remo. Com a popularização do futebol, o esporte foi conquistando mais espaço e sendo responsável por criar novos veículos de comunicação. Ribeiro (2007) conta que em 1919 o futebol já estava consolidado no país, sendo responsável pela criação de diversos jornais e revistas em São Paulo e no Rio de Janeiro. Para Coelho (2013) o título de campeão da Segunda Divisão do Campeonato Carioca conquistado pelo Vasco em 1923 com a presença de jogadores negros, “era a popularização que faltava” (COELHO, 2013, p. 9).

Assim, em 1931, “segundo pesquisa feita por especialistas da época, a imprensa esportiva era a que mais havia crescido desde 1912, quando saltou de cinco para 58 jornais, um aumento de 1.060%” (RIBEIRO, 2007, p. 73). Nesta época foi criado o primeiro periódico exclusivamente esportivo, o *Jornal dos Sports*, fechado em 2007. “Pode parecer pouco, mas imprimir quatro páginas exclusivas de esporte diariamente era um negócio caro e imprevisível” (RIBEIRO, 2007, p.73).

A dificuldade em trabalhar com esportes nos periódicos vinha do preconceito de que só as pessoas de menor poder aquisitivo poderiam ser leitoras desse tipo de jornal. A discriminação era embasada no menor poder de compra de uma parte da população, que significava, ao mesmo tempo, menos acesso à cultura e a não priorização da leitura diante das despesas diárias. Além disso, os jornalistas esportivos eram vistos com desdém nas redações em comparação com outros setores de especialidades (COELHO, 2013). Alcoba (2005) relata o pensamento da época: “*Eran especialistas de algo primordial para la buena marcha del Estado. El deporte, sin embargo, no. Se ló catalogó como asunto vulgar*” (ALCOBA, 2005, p. 40). A consequência disso para o jornalismo esportivo era a constante abertura e fechamento de jornais e a dificuldade na consolidação dos veículos.

No Rio de Janeiro, a *Revista do Esporte* viveu bons anos entre o final da década de 1950 e o início dos anos 60. Viu nascer Pelé, o Brasil ganhar títulos mundiais, viu o futebol, seu carro-chefe, viver momentos de estado de graça. E nem assim sobreviveu às adversidades (COELHO, 2013, p. 9).

Em 1922 um forte concorrente começou a surgir para a imprensa escrita: o rádio, que mudaria a maneira de noticiar o futebol, teve sua primeira transmissão de uma partida em 15 de outubro de 1922 entre Brasil e Argentina pelo Campeonato Sul-Americano. Desde então, diversas emissoras começaram a dedicar espaço na

programação para a modalidade como a Record e a Educadora em São Paulo e a Clube do Brasil, no Rio de Janeiro. O próximo passo foi a criação do plantão esportivo na Record, do proprietário Paulo Machado, batizado de *Esporte nas Antenas* (RIBEIRO, 2007).

José Augusto Siqueira, comandante técnico das transmissões, recebia telefonemas de repórteres que acompanhavam os jogos nos estádios e os colocava no ar: na emissora, “não era nada mais do que uma série de telefones, daqueles de manivela em que se falava do campo. De lá se dava uma notícia. Siqueira pegava, escrevia num papel e locutor dizia: Agora acabou-se de marcar um gol no Parque Antártica” (RIBEIRO, 2007, p. 78).

Em pouco tempo iniciou a concorrência nas rádios com o aparecimento da América, Cultura, São Paulo, Difusora, Cruzeiro do Sul, Cosmos, Excelsior, Gazeta, Tupi e Tamoio. No entanto, a primeira cobertura de uma Copa do Mundo ocorreu, apenas, em 1938, transformando a imprensa esportiva brasileira. “Desde os preparativos da Seleção até o retorno da França, não se falava outra coisa nas ruas das grandes capitais do país. Os jornais faturavam alto, e a criatividade de cada um determinou o sucesso nas vendas” (RIBEIRO, 2007, p. 98). Conforme o autor, a grande repercussão culminou com o lançamento da primeira revista especializada em futebol, *Sport Ilustrado*, e a criação do suplemento o *Globo Sportivo* no jornal *O Globo*.

Enquanto no Brasil o rádio realizava as primeiras exibições de eventos internacionais, modificando o jornalismo esportivo, no mundo a televisão transmitia pela primeira vez os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, realizando o mesmo feito:

Las cadenas de televisión, inmersas en el deseo de obtener beneficios, pronto se dieron cuenta de que el deporte podía ser uno de los atractivos que enganchara a los televidentes y no dudaron en apostar por él, hasta el punto de haberse convertido en el presupuesto más importante de las cadenas de televisión (ALCOBA, 2005, p. 40).

O aparecimento de novas modalidades e um número cada vez maior de pessoas interessadas no esporte amador e profissional mostrou aos meios de comunicação que investir nesta nova área do jornalismo seria uma atividade promissora e rentável. Dessa forma, percebendo a possibilidade de lucro, Paulo Machado de Carvalho Filho cria a rádio Panamericana, no final da década de 1940, com uma programação exclusiva sobre esporte comandada pelo narrador Pedro Luiz, que já trabalhara na Tupi e na Gazeta. Eram 24 horas, 30 dias e um ano de cobertura de eventos esportivos variados: basquete, boxe, luta livre, golfe, vôlei, entre outros. A grade de programação da Panamericana serviu de base para as rádios e para a

criação de novos programas esportivos, sendo chamada de emissora dos esportes como descreve Ribeiro (2007).

Logo pela manhã, os ouvintes ficavam informados sobre tudo do esporte ao sintonizar o *Alvorada Esportiva*; no almoço, o irreverente *Picando o Couro*, baseado em crônicas e críticas esportivas; às segundas-feiras, um programa de enorme sucesso batizado de *Ceia dos Mioresais*, precursor das famosas mesas-redondas, onde os principais cronistas da cidade e outros estados se reuniam na sede do São Paulo Futebol Clube para debater futebol [...] (RIBEIRO, 2007, p.114).

No mesmo período, em 1946, o *Mundo Esportivo* aparecia para esquentar as discussões sobre esportes, principalmente futebol, com o editorial voltado a diversas modalidades esportivas e com o objetivo de atingir o público das arquibancadas, sendo panfletário e sensacionalista. O jornal foi criado por um dos mais polêmicos comentaristas esportivos da época, Geraldo Bretas, em parceria com Luís Vendrozzi e atingiu a marca de 150 mil exemplares vendidos entre os 2,5 milhões de habitantes da cidade de São Paulo. O sucesso de o *Mundo Esportivo* culminou com a separação do suplemento esportivo de *A Gazeta*, a partir de outubro de 1947, criando a *Gazeta Esportiva* dirigida por Thomaz Mazzoni, que era conhecido como “Olímpicus”, por ser especialista em diversos esportes (RIBEIRO, 2007).

A Copa do Mundo de Futebol realizada no Brasil, em 1950, era o que faltava para a imprensa esportiva começar a se consolidar no país. “Ganhando ou perdendo, todos os veículos de comunicação e profissionais da imprensa saíam ganhando” (RIBEIRO, 2007, p. 130). Quem mais faturou com a competição foi a rádio número um no momento, a Nacional, que ofereceu assistência técnica às emissoras estrangeiras e transmitiu programas em espanhol, informando sobre os jogos para toda a América Latina (RIBEIRO, 2007).

A empolgação da imprensa esportiva nacional criou um clima de “já ganhou” nos brasileiros que terminou com a derrota de virada por 2 a 1 para o Uruguai em pleno Maracanã lotado com quase 200 mil pessoas.

Os nomes mais famosos do rádio brasileiro e da imprensa escrita estavam no Maracanã. Ricardo Serran, de *O Globo*, Fernando Bruce, de *O Jornal e Diário da Noite*, Geraldo Romualdo e Mário Filho, do *Jornal dos Sports*, e Thomaz Mazzoni, de *A Gazeta Esportiva*, eram algumas das muitas estrelas do jornalismo impresso. Treze emissoras de rádio, só do Rio de Janeiro, formavam o batalhão de transmissão que se espalhava pelas cabines, gramados e vestiários do estádio (RIBEIRO, 2007, p. 132).

No mesmo ano entra no ar a primeira televisão brasileira, a TV Tupi, em 18 de setembro. Desde o início, o programa *Vídeo Esportivo* fazia parte da grade e em 15

de outubro ocorreu a primeira transmissão de um evento desportivo com a partida entre Palmeiras e São Paulo, no estádio Pacaembu, assistida por cerca de 200 pessoas que possuíam o aparelho televisivo. Porém, na década de 1950 era a mídia impressa quem protagonizava as maiores concorrências da imprensa brasileira com a criação de vários periódicos, entre eles, a *Última Hora* de Samuel Wainer, apoiado por Getúlio Vargas. O empresário percebeu que colocar o futebol na primeira página aumentava a procura pelos exemplares. Assim, vendia uma tiragem de 100 mil cópias diárias e 150 mil às segundas-feiras, após as rodadas de futebol (RIBEIRO, 2007).

A partir de 1960, é que a televisão se estabeleceu no país e criou um dos maiores sucessos dos programas esportivos, a mesa-redonda, com a estreia de *Grande Resenha Facit*, da TV Rio. Cinco jornalistas discutiam futebol e defendiam os times do coração: João Saldanha pelo Botafogo, Nelson Rodrigues representava o Fluminense, José Maria Scassa protegia o Flamengo, Vitorino Vieira falava sobre Vasco e Luiz Mendes era o apresentador. Em 1966, o programa transferiu-se para a TV Globo com o nome *Grande Revista Esportiva Facit* e ficou no ar por mais três anos (RIBEIRO, 2007).

A mesa-redonda suportou o Golpe Militar de 1964, mas nem todos os veículos de comunicação conseguiram sobreviver a este período. Para Alcoba (2005) os políticos sabem da influência que o esporte possui e tentam obter vantagens materiais, ideológicas ou religiosas com ele. *“Encontramos en la referida exposición el porqué del interés que suscita el deporte en todos los ambientes de la sociedad, y la audiencia que lo demanda en prensa, radio, televisión e Internet”* (ALCOBA, 2005, p. 25).

Indo contra as censuras imposta pela ditadura, surge a partir de 4 de janeiro de 1966 o caderno de esportes do *Jornal da Tarde* que promoveu uma revolução no jornalismo esportivo brasileiro. Sob a direção de Mino Carta, o *JT* como ficou conhecido, tinha o objetivo de romper com os padrões estabelecidos nas redações e dar maior atenção aos furos e ao cultivo do texto (RIBEIRO, 2007). *“Quebrar regras, subverter os padrões. Quem quisesse fazer parte desse time teria de se acostumar com essas rotinas”* (RIBEIRO, 2007, p. 198). O sucesso foi tão grande que em pouco tempo o *JT* se tornou referência e passou a receber muitos dos principais prêmios de melhor cobertura esportiva da época.

Outro grande veículo esportivo e considerado por Ribeiro (2007) como a maior e melhor revista esportiva do Brasil, a *Placar*, foi idealizada pelo jornalista e advogado Claudio de Souza. A revista, que vendeu 500 mil cópias na primeira edição, passou por muitos momentos de turbulência tendo sido publicada diariamente, semanalmente e mensalmente até fazer uma grande mudança editorial para conquistar novos leitores em 1995. Com o subtítulo “Futebol, sexo e rock’n’roll” a *Placar* passou a ser semanal comercializando cerca de 240 mil exemplares. Entretanto, as vendas diminuíram pela metade em 1996 e, dois anos depois, ela passou a ser vendida mensalmente, pois segundo alguns especialistas do mercado editorial da época, “era muito difícil uma revista específica de esporte conquistar muito sucesso” (RIBEIRO, 2007, p. 282).

Outras revistas exclusivas também enfrentaram adversidades e não conseguiram permanecer ativas como a *Saque*, dedicada ao voleibol e que durou de 1984 até o final da década, além de *Lance Livre* e *Superbasquete* voltadas ao basquete e publicadas nos finais dos anos 80 e 90, respectivamente, sem obter grandes tiragens (COELHO, 2013).

Assim como estas revistas buscavam encontrar espaço entre a imprensa esportiva dedicada ao futebol praticado pelos homens, em 1970 as mulheres começaram a ocupar cargos que eram até o momento, majoritariamente, masculinos. A Rádio Mulher de Roberto Montoro colocou no ar uma equipe esportiva formada somente por mulheres. “A proposta era inovadora, mas o preconceito por boa parte dos homens da imprensa era escancarado” (RIBEIRO, 2007, p. 220). O autor ressalta que as equipes interna e externa das transmissões eram femininas com narradoras, comentaristas, repórteres, locutoras, sonoplastas e motoristas. Elas ficaram no ar por cinco anos até que homens foram incorporados ao grupo de profissionais. “*El deporte que aparece en las páginas y espacios deportivos, sin perder la esencia de juego y diversión, alcanza otras cotas en las que se encuentran inmersos muchos intereses*” (ALCOBA, 2005, p. 66).

Apenas no ano de 1998 é que uma mulher assumiu a editoria de esportes em um grande veículo nacional: Isabel Tenese comandou o caderno de esportes do *Estado de São Paulo*, de 1998 a 2001, quando pediu demissão. No canal por assinatura ESPN Brasil, Kitty Balieiro é chefe de redação e Sônia Francine, a Soninha, comentarista na mesma emissora (COELHO, 2013).

Se hoje a Globo transmite duas partidas de futebol por semana, no final de 1980 a emissora não considerava necessário transmiti-las e, dessa forma, as TVs Bandeirantes e Record disputavam a liderança pela audiência no esporte. Entretanto, no dia seguinte aos jogos, o programa *Globo Esporte* mostrava os melhores momentos e lances. “Em suma, fazia jornalismo” (COELHO, 2013, p. 64).

Com a abertura na concorrência, a Bandeirantes resolveu dedicar praticamente todo o domingo à exibição de eventos esportivos no *Show dos Esportes*. Era a primeira vez que uma televisão se assemelhava a programação da Rádio Panamericana e, por isso, intitulou-se o “Canal do Esporte”. Comandada por Luciano do Valle, os programas esportivos eram transmitidos aos sábados durante seis horas e de segunda-feira a sexta-feira por duas horas. Luciano se tornou um incentivador de modalidades como voleibol, basquete e atletismo, dedicando espaço para a transmissão destas competições (RIBEIRO, 2007).

No início de 1990, a briga pelos fãs do esporte aumentou ainda mais com a chegada dos canais por assinatura no Brasil. As Organizações Globo criaram a Globosat e, em 1991, o primeiro canal a cabo exclusivo de esporte: o Sportv. Dois anos depois surge o TVA Esportes, do Grupo Abril, que mais tarde se transformaria na ESPN Brasil (RIBEIRO, 2007). Já o canal SPN entrou no ar em fevereiro de 2000 em uma parceria entre o fundo de investimentos americano Hicks, Muse, Tate & Furst e a Traffic - agência de marketing esportivo do ex-jornalista José Hawilla. Mesmo tendo muito dinheiro investido, a emissora saiu do ar um mês antes de completar dois anos de fundação por influência das crises financeiras nos países sede da PSN, Brasil e Argentina (COELHO, 2013). Com mais de 20 anos no país, “[...] até hoje, a televisão por assinatura não explodiu no Brasil. Ainda há um número pequeno de assinantes. No total, eles não passam da casa dos 3,5 milhões em todo o país” (COELHO, 2013, p. 72).

A partir da metade da década de 1990, a internet chegou ao Brasil juntamente com os investimentos na nova tecnologia. Em 1994 os grupos Abril e Folha já haviam criado UOL. Três anos após, a AOL (American OnLine) comprou a Warner e o diário *Lance!* foi lançado no país juntamente com o site www.lancenet.com.br. Vários jornalistas esportivos saíram de jornais e revistas para trabalhar no novo veículo, em especial, nos sites PSN e IG. Contudo, pouco tempo depois a maioria foi demitida porque os anunciantes não estavam interessados na nova plataforma (COELHO,

2013). De acordo com este autor, as saídas dos investidores causaram catástrofes nas redações de todos os veículos ligados à internet que só conseguiram se estabilizar em 2002. No início, a velocidade era o que coordenava as publicações, tornando-se comum dividir uma notícia em várias notas para aumentar o número de títulos inéditos que entravam no ar e mostrar ao anunciante que o site estava na frente da concorrência. “Não importava sequer que a precisão da informação ficasse em segundo plano. Se fosse preciso, nova nota entraria no ar corrigindo a anterior” (COELHO, 2013, p. 62).

O jornalismo esportivo vem se profissionalizando ao longo dos anos e conquistando mais visibilidade nos meios de comunicação. Como expõe Loviloso (1999), o esporte moderno talvez não existisse se os jornais e jornalistas o tivessem ignorado, pois grande parte da história dos clubes e do esporte foi escrita por estes profissionais.

As notícias e as matérias dos jornalistas sobre os esportes foram e são elemento constitutivo, tanto do jornalismo quanto do esporte moderno. Jornais, rádio, noticiários para o cinema, televisão e o próprio cinema, com o rosário de filmes que focalizam esportes, foram parceiros ao longo dos últimos cem anos (LOVILOSO, 1999, p.1).

Partindo da mesma perspectiva, Alcoba (2005) fala que os meios de comunicação são o maior expoente da importância do esporte:

Si el deporte ha alcanzado la popularidad que hoy posee es porque ha tenido la virtud de integrarse en todos los sectores de la sociedad, y ésta no sólo lo ha recogido como algo beneficioso para los seres humanos, sino porque puede explorarlo como algo útil y provechoso para sus particulares intereses (ALCOBA, 2005, p. 31).

Assim, o esporte se transforma em uma das formas mais populares de entretenimento e diversão e o jornalismo encontra uma área com grande possibilidade de trabalho e lucro.

3. FUTEBOL

O Futebol surgiu na Inglaterra em meados de 1800 e chegou ao Brasil no final do século XIX. O esporte foi ganhando adeptos pelo país com a criação de associações e o apoio da elite. Em 1895, o *football* já era disputado na cidade de Rio Grande (RS), extremo sul do país, sendo levado ao município pelos imigrantes que desembarcavam no porto de Rio Grande (CESAR, 2012). No ano de 1901, a cidade de São Paulo possuía cinco equipes organizadas: SPAC, Mackenzie, Internacional, Paulistano e Germânia (RIBEIRO, 2007). No entanto, no início, o futebol não possuía grande reconhecimento e somente os homens o praticavam. Além disso, o acesso aos estádios era reservado à ala masculina e a pessoas da alta sociedade burguesa.

Os jornais da época noticiavam algumas partidas e ajudaram a difundir o futebol. Hoje, ele é o esporte mais praticado no país com cerca de 30,4 milhões de praticantes regulares ou esporádicos. Ainda, o Brasil possui quase 300 estádios e 102 milhões de torcedores⁴. Diante desses números é fácil perceber que a modalidade masculina se tornou uma mercadoria de grande retorno financeiro às empresas, que passaram a investir no patrocínio de clubes e jogadores de futebol para verem suas marcas sendo veiculadas pelos meios de comunicação durante a transmissão de partidas de futebol ou nos programas esportivos.

Para os brasileiros, o futebol, principalmente o praticado pelos homens, pode ser comparado com uma imitação do cotidiano pois crenças, emoções e sentimentos são projetados no e pelo esporte. Como explica Savenhago (2011):

Quando o time do coração vence é como se o torcedor vencesse junto. O futebol expressa a vitória do dia-a-dia e a luta para triunfar, a vontade que cada um tem de ver o herói, aquele jogador que possui as características que o telespectador valoriza, superar as adversidades (SAVENHAGO, 2011, p. 24).

A projeção da vida na paixão por um esporte foi o incentivo para que a televisão cedesse cada vez mais espaço ao futebol, percebendo que a modalidade teria possibilidade de gerar números cada vez maiores de audiência, que seriam revertidos em lucros. Quanto maior o poder de visibilidade que um programa possui, mais alto será o valor cobrado pelos espaços de propagandas.

⁴ Segundo dados do Atlas do Esporte publicado em 2003.

Forma-se, então, um triângulo entre o telespectador, a emissora de televisão e os anunciantes. Um dá sustentação às aspirações dos outros dois, o que explica o sucesso das transmissões de futebol, especialmente em épocas de Copa do Mundo (SAVENHAGO, 2011, p. 28).

O futebol se transforma em espetáculo, movimentando financeiramente o país e dando maior visibilidade aos clubes com mais torcedores que, conseqüentemente, são os que mais lucram e geram lucros com a televisão e a publicidade.

3.1 Futebol Feminino

Nas primeiras décadas em que o futebol começou a ser praticado no Brasil, as mulheres frequentavam os campos esportivos arrumando-se como se estivessem indo para uma festa, com vestidos rendados, corpetes e sombrinhas. Entretanto, as mulheres não estavam indo aos jogos apenas para assistir, mas também para praticarem o esporte. A falta de informações sobre a modalidade feminina não permite que se saiba com exatidão quando ocorreu a primeira partida de futebol feminino no país. De acordo com Reis e Arruda (2011), há duas hipóteses para a realização do primeiro jogo: em 1913, entre times dos bairros da Cantareira e do Tremembé, no Tremembé Futebol Clube, em São Paulo; e em um confronto entre equipes do São Paulo Futebol Clube e do América Futebol Clube, em 1940, no Estádio do Pacaembu. Entretanto, foi registrado no jornal *Opinião Pública* de 14 de janeiro de 1930, da cidade de Pelotas (RS), que dois “quadros” de futebol feminino haviam disputado o clássico da cidade, G.E. Brasil contra E.C. Pelotas, popularmente conhecido como Bra-Pel, no dia anterior depois da apresentação do Circo Queirolo no picadeiro (RIGO et al., 2008).

O sucesso que a modalidade alcançava entre as jovens brasileiras começou a abalar algumas estruturas sociais vigentes naquela época. A prática esportiva das mulheres dividia opiniões: para as praticantes, representava um impulso para a modernização do papel da mulher e sua afirmação na sociedade; para as famílias, o medo da desmoralização das jovens através da exibição e desnudamento dos corpos; já a sociedade via o futebol como um esporte agressivo e masculino, assim, a prática feminina poderia masculinizar as meninas; e para o setor médico, havia o temor de que a “violência” do esporte poderia machucar o sistema reprodutivo das mulheres,

prejudicando a maternidade (GOELLNER, 2005). “Para além dos imaginados danos físicos que esse esporte poderia causar, o receio de que pudesse masculinizar as praticantes direciona-se, não apenas para as modificações de seu caráter, mas, sobretudo, para a sua aparência” (GOELLNER, 2005, p. 148).

A preocupação com a aparência feminina, juntamente com a mentalidade de que as mulheres eram subordinadas aos homens, vivenciada em muitos séculos, ultrapassou os períodos históricos e as civilizações e fez com que a construção cultural brasileira concebesse o esporte, no início do século XX, como sendo um exercício reservado majoritariamente aos homens. “E o futebol como uma prática esportiva identitária da construção deste masculino terminou por concentrar uma resistência, ainda maior do que os outros esportes, à prática feminina” (MOURÃO, MOREL, 2005, p. 79). Como explica Goellner (2005, p. 148), “afinal, o homem – seu corpo e comportamento – é modelo a partir do qual o corpo e o comportamento da mulher são julgados, estigmatizando aquelas que ultrapassam os limites que convencionalmente lhe foram impostos”. Partindo dessa perspectiva e focando na modalidade brasileira, é possível perceber que “o futebol na infância já aparece como elemento masculino, a menina precisa estar entre os meninos, ou parecer um “filhinho” para praticá-lo, e mesmo assim terá dificuldades” (KNIJNIK, VASCONCELLOS, 2003, p. 7).

O resultado destas ideias e implicações começou a ser criado em junho de 1940 quando o primeiro médico brasileiro especialista em medicina esportiva, Dr. Leite de Castro, escreveu no jornal *A Gazeta Esportiva* sua opinião sobre a prática do futebol feminino.

[...] não é no futebol que a juventude feminina se aperfeiçoará. Pelo contrário, é o futebol o esporte que lhe trará defeitos e vícios; alterações gerais para a própria fisiologia delicada da mulher, além de outras conseqüências de ordem traumática, podendo comprometer seriamente os órgãos da reprodução (ovário e útero) (apud FRANZINI, 2005, In REIS, ARRUDA, 2011, p. 4).

No ano seguinte, em 1941 foi instituído o Decreto-Lei 3.199 que no artigo 54 proibia as mulheres de praticarem esportes que não fossem compatíveis com a sua natureza e aconselhava o Conselho Nacional de Desportos (CND) a exigir que a lei fosse cumprida (MARTINS, MORAES, 2007).

“Identificamos na história do esporte que a atividade esportiva enquanto símbolo de um imaginário de força, poder e músculo, se enquadraria como atividade masculina, portanto a mulher deveria ser poupada deste processo

de masculinização, ou seja, não deveria estar presente da mesma forma que o homem no mundo esportivo” (MARTINS, MORAES, 2007, p. 70).

Na década de 1940 havia cerca de 10 equipes de futebol feminino no subúrbio do Rio de Janeiro que estavam ganhando espaço nos jornais. Porém, esta aparição dividia os jornalistas esportivos da época entre entusiasmados, nos periódicos paulistas, e preocupados dentro das redações cariocas (REIS, ARRUDA, 2011). Preocupação que parecia não atingir os jornalistas e a sociedade de Pelotas, pois em abril de 1950 dois clubes de futebol feminino foram fundados: o Vila Hilda Futebol Club e o Corinthians Futebol Club. Ambos possuíam equipes masculinas com campos de treinamento e sedes sociais localizadas em dois bairros da cidade (RIGO et al., 2008).

As pelotenses que praticavam a modalidade tinham entre 13 e 18 anos, eram de classe média baixa e foram incentivadas pelos jogadores e pelas diretorias dos clubes. Ex-atletas masculinos começaram a treinar os times enquanto a diretoria custeava excursões para disputar partidas nas cidades de Rio Grande e Porto Alegre. Surgia assim, a primeira experiência brasileira com a criação de times femininos que possuíam rotina de treinos semanais voltados para o condicionamento físico, noções táticas e fundamentos do esporte. O principal jornal de Pelotas, *Diário Popular*, acompanhou as equipes, noticiando os treinos, a preparação e o resultado dos jogos nas páginas do jornal (RIGO et al., 2008). “A atenção que a imprensa local dedicava ao futebol feminino revela a importância que ele estava adquirindo para a cidade. [...]. De tamanho significativo, as matérias costumavam destacar os nomes das atletas, o placar e alguns detalhes técnicos” (RIGO et al., 2008, p. 79). Além disso, foram publicadas, no mesmo ano, matérias na Revista do Esporte⁵ e em veículos de comunicação de outras cidades:

O Corinthians F. C. vem mantendo correspondência com a Rádio Globo, Nacional e Tamoio do Rio de Janeiro, Farroupilha e Gaúcha da capital do estado, com o Diário de Notícias e até mesmo com a “*Revista Del Esporte*” de Montevideú, as quais solicitam pormenores e fotografias do conjunto feminino, o que vem a demonstrar, de forma exuberante, o interesse que o inédito fato vem despertando em todos os recantos do país (JORNAL DIÁRIO POPULAR, 16 de maio de 1950, p. 5 *apud* RIGO et al., 2008, p. 181).

A visibilidade que as equipes do sul do país despertavam na mídia e sociedade brasileiras fez com que a CND exigisse que o Decreto-Lei 3.199 fosse cumprido e os times extintos. Acabando, assim, com a repercussão feita pelo *Diário Popular* e

⁵ Publicada regionalmente entre os anos 1948 e 1958.

culminando com a Deliberação nº 07/65, de 1965, que aumentou o número de esportes proibidos para a prática feminina, acrescentando as modalidades de futebol de salão e areia, pólo e pólo aquático, rugby, baseball e halterofilismo. O documento foi cancelado no final da década de 1970 (SALVINI, JÚNIOR, 2013).

[...] as leis criadas, inclusive na área esportiva, estavam inseridas em um contexto de controle, com uma grande pressão para que as mulheres se afastassem do futebol. Elas deveriam limitar-se à prática de esportes que o governo considerava condizentes com suas funções de genitoras da prole (MARTINS, MORAES, 2007, p. 72).

Assim, as inquietações provocadas na cultura e no órgão responsável por regulamentar o esporte no país, CND, serviram de parâmetro para as publicações dos jornais brasileiros. Mourão e Morel (2005) em uma pesquisa realizada sobre a visibilidade da modalidade feminina nas publicações de *O Globo*, *Jornal dos Esportes*, *Extra*, *O Dia*, *Jornal do Brasil* e *Hoje em Dia* do Rio de Janeiro e da *Revista Placar* de São Paulo, da década de 1930 ao ano 2000, perceberam que há uma escassez de notícias sobre o futebol feminino nas décadas de 1930 a 1940, poucas informações entre os anos 50 e 60, em função da proibição da modalidade, e um aparecimento na mídia impressa a partir da extinção da Deliberação nº 07/65, em 1979.

A década de oitenta serviu para a expansão do futebol feminino, especialmente no Rio de Janeiro, com a criação de vários clubes e campeonatos de futebol de areia e de campo. A modalidade feminina foi conquistando visibilidade e recebendo a atenção da mídia esportiva, especialmente da Rede Bandeirantes que detinha um grande espaço destinado à transmissão de esportes, preenchendo-o com competições femininas. Entretanto, ainda havia muitas notícias que eram veiculadas com tons irônicos e zombando das atletas como pode ser comprovado com estas manchetes: “*O futebol depois da louça lavada*”, “*Mesa tirada, rumo à praia para o futebol*”, “*Elas namoram, estudam e ainda jogam futebol*” (SALLES, SILVA E COSTA, 1996, In MOURÃO, MOREL, 2005).

A primeira partida disputada entre times femininos no principal estádio brasileiro, o Maracanã, ocorreu em 1986, na final do Campeonato Carioca de Futebol de Campo Feminino, entre o Esporte Clube Radar⁶ e a Portuguesa. O jogo foi vencido

⁶ Fundado em 1981, foi o primeiro clube a ganhar destaque e visibilidade no futebol feminino brasileiro depois da revogação da Deliberação nº 07/65.

pelo E.C. Radar que conquistou diversos títulos importantes, como o Tricampeonato da Taça Brasil (criado em 1983), o Tetracampeonato Brasileiro e o Campeonato Mundial Interclubes de 1987. Além disso, o clube foi o precursor da seleção brasileira feminina de futebol representando o país no I Torneio Internacional de Futebol Feminino realizado em 1988, na China, ficando na 3^o colocação, e no Campeonato Mundial de Futebol Feminino, em 1991, conquistando o 9^o lugar (REIS, ARRUDA, 2011).

Informações sobre o E.C. Radar foram encontradas nas publicações da *Placar* de 1980 a 1990. A revista foi objeto de estudo de Salvini e Júnior (2013) que encontraram 457 reportagens nesse período, das quais oito matérias falavam sobre futebol feminino e foram selecionadas para mostrar a representatividade que a modalidade possuía na principal revista esportiva do país.

De maneira geral, podemos concluir que as informações veiculadas pela *Placar* são organizadas basicamente em três principais elementos. Inicialmente apresentam informações relacionadas a proibição e permissibilidade da prática do futebol pelo público feminino; posteriormente, a revista veicula matérias abordando a habilidade feminina para jogar futebol, frisando principalmente o surgimento e a performance do Esporte Clube Radar; e finalizando, um tema que permeia os elementos anteriores e é recorrente nessa fase da revista, são as matérias que exaltam as características de feminilidade normativa nas jogadoras de futebol (SALVINI, JÚNIOR, 2013, p. 112).

A recorrência aos atributos físicos e estéticos das jogadoras na mídia impressa surgiu, principalmente, depois da década de 1980 com a intenção de desmistificar a ideia de masculinização das mulheres que praticavam esportes considerados violentos. A mulher deixou de ser vista como “sapatão”, no vocabulário popular, para ser concebida como uma bela representação dos desportos, saindo, dessa forma, do âmbito da masculinização para o da erotização:

Assim, estádios, ginásios, academias, parques e praças são identificados como locais sociais para espetacularizar os corpos das mulheres ressaltando alguns atributos designados como características de seu sexo: a graciosidade, a beleza e, sobretudo, a sensualidade. Objeto do olhar de outrem, o corpo erotizado no e pelo esporte, inventa uma imagem, a atleta contemporânea que, mesmo exercitada fisicamente, inscreve no seu corpo marcas que o tornam absolutamente desejável (GOELLNER, 2005, p. 147).

A participação do futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, e a quarta colocação conquistada pela seleção brasileira, mostrou à mídia que a modalidade tinha possibilidade de gerar lucros. Porém, além da qualidade técnica, as atletas deveriam oferecer mais um atributo para que as competições fossem

transmitidas e lucrativas para a mídia: a beleza. O jornalista Maurício Cardoso escreveu um artigo sobre a participação da seleção feminina em Atlanta intitulado “Flores do Campo” e publicado na Revista Veja em 30 de outubro de 1996. Dentre as análises feitas por Cardoso, destacam-se os seguintes comentários:

Faz quinze anos que as mulheres jogam bola no Brasil, mas o futebol feminino nunca foi levado a sério. Até que veio a Olimpíada de Atlanta, em que o time brasileiro conseguiu um honroso quarto lugar e mostrou que o futebol também é coisa de mulher. Uma nova era começou. [...] Como no futebol masculino, a competência dos jogadores é fundamental para transformar o esporte em um empreendimento comercial. Mas no jogo das mulheres, ao contrário dos homens, isso não é suficiente. Os clubes estão exigindo que além de saber bater sua bolinha às jogadoras sejam bonitas (apud SALLES, SILVA e COSTA, 1998 In REIS, ARRUDA, 2011, p. 6).

A participação da seleção feminina nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996), Sidney (2000) e a medalha de prata em Atenas (2004) impulsionaram a prática das mulheres e a visibilidade na mídia esportiva. Como demonstra a análise feita sobre as reportagens veiculadas pelos jornais *A Folha de São Paulo (Folha)* e o *Estado de São Paulo (Estadão)* durante o período de maio, junho e agosto de 2004 nos meses que antecederam e durante a realização da Olimpíada de Atenas, respectivamente. No primeiro mês, observou-se que nenhuma informação sobre a modalidade foi difundida pelo *Estadão* enquanto uma fotografia sobre a seleção feminina americana e a coluna “O Tedioso Futebol Feminino”, que inicia perguntando se alguém que não é namorado, amigo ou familiar das jogadoras brasileiras fica ansioso para acompanhar os jogos da seleção, foram publicadas na *Folha*. Já no mês de junho, aparecem uma fotografia e uma nota na *Folha* e uma coluna no *Estadão* fazendo referência a participação da equipe nos Jogos Olímpicos (MARTINS, MORAES, 2007, p. 73).

Em agosto, o número de registros sobe para 29 no *Estadão* e 34 na *Folha*. As notícias acompanham a preparação e os jogos da equipe focando, apenas, na competição e apresentam somente em duas reportagens dados como transferências e contratações. As atletas são divulgadas como belas e frágeis em algumas matérias e como heroínas em outras que mostram a realidade da modalidade feminina no Brasil com as seguintes manchetes: “Com recorde olímpico de gols, esquecidas lutam agora pelo primeiro pódio”, “Conquista é só delas” e “Seleção deixará de existir no momento do desembarque” (MARTINS, MORAES, 2007, p. 74 – 75).

Fica evidente pelas matérias analisadas que, além do preconceito que as mulheres enfrentam, particularmente num país que ainda acha que futebol é coisa de homem, elas têm de superar a falta de estrutura e de apoio (cabe lembrar que o futebol feminino foi a única modalidade brasileira na Grécia

que não recebeu verba de incentivo fiscal), e ainda de receberem um tratamento dado pela mídia que as mantém distante do público e, repetidamente, comparadas aos homens ou lembradas pelos atributos de beleza ao invés das questões do esporte em si (MARTINS, MORAES, 2007, p. 76).

As mulheres que jogam futebol são concebidas na imprensa esportiva como masculinizadas ou como objeto de desejo masculino. Estes estereótipos são reforçados com a cobertura que o jornalismo esportivo faz do futebol feminino. A forma como a mídia apresenta e noticia a modalidade, por meio da veiculação de informações sobre atletas e competições, cria um parâmetro sobre quem e o que possui legitimidade para ser transmitido nos meios de comunicação. Como mostra uma pesquisa realizada em Portugal sobre a cobertura da versão online do jornal esportivo *A Bola*, o mais acessado no país, sobre a participação da seleção de Portugal na 19ª edição do *Mundialito de Futebol Feminino*, dos dias 28 de fevereiro a 7 de março de 2012. Mesmo com a participação de doze seleções mundiais, durante os nove dias de competição, apenas, 0,58% das matérias publicadas no site eram sobre o *Mundialito*.

Ao todo, foram cinco reportagens com frases curtas, três ou quatro linhas, informando quando foi o jogo e o nome das atletas que fizeram gols. Não houve espaço para as mulheres exporem sua opinião. A única matéria em que aparecem comentários da seleção sobre a competição, é com falas do treinador da equipe de Portugal, António Violante. Além disso, três reportagens possuem a mesma fotografia, uma visão geral de uma partida com o treinador Violante na beira do campo passando orientações à equipe; uma com a foto da cintura para cima sem menções a habilidade técnica da jogadora Ana Borges (uma das mais conhecidas da equipe) no jogo entre Portugal e Irlanda, quando marcou dois gols; e no encerramento do *Mundialito*, uma imagem da seleção alemã, campeã do torneio, em uma foto oficial contendo os patrocinadores e o nome da competição (GOELLNER, SILVA, BOTELHO-GOMES, 2012).

A análise das reportagens no jornal online *A Bola* demonstra que a modalidade feminina possui pouca visibilidade no jornalismo esportivo e quando é representada, na maior parte das vezes, é colocando a atleta em uma posição de inferioridade ou banalizando-a pelas suas características atribuídas ao gênero feminino.

Para além destas situações, a mídia esportiva pouco espaço confere ao futebol feminino e quando o faz, geralmente, menciona não tanto os talentos

esportivos das atletas, árbitras ou treinadoras mas a sua imagem e o seu comportamento (GOELLNER, 2005, p. 150).

No Brasil, foi feito um estudo comparativo entre as informações disseminadas pelo programa de televisão Globo Esporte RS entre o período da participação da seleção feminina de futebol na Copa do Mundo e da seleção masculina na Copa América, que ocorreram simultaneamente entre os dias 13 e 22 de junho de 2015. Foram analisados sete programas e encontradas nove matérias sobre a seleção masculina e uma sobre a feminina (ALBRECHT, 2015).

Conforme GOELLNER, SILVA, BOTELHO-GOMES (2012), a mídia tem um papel fundamental na divulgação do esporte e quando atribui pouca visibilidade, espaço e reconhecimento às praticantes da modalidade, marginaliza as atletas colocando-as a beira do futebol na sociedade, anulando simbolicamente suas realizações em um lugar denominadamente masculino.

3.2 Futebol Masculino

Desde o início do futebol no Brasil, a modalidade masculina conseguiu um grande número de adeptos e fãs principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, principais responsáveis pela disseminação do esporte pelo país. A primeira Liga Paulista de Futebol foi criada em 1901 e em 1914 a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) foi fundada para organizar os esportes brasileiros, entre eles o futebol. Cinco anos mais tarde, em 1919, muitos times foram surgindo pelos quatro cantos do país e fomentando o surgimento de campeonatos e federações na maioria dos estados. Com bons jogadores surgindo nas competições regionais, o Brasil começou a exportar os seus talentos esportivos: em 1931, 39 atletas deixaram os times nacionais para receber o dinheiro que o futebol propiciava em outros países como Uruguai e Argentina, segundo Ribeiro (2007).

Com o sucesso da exploração comercial e política do futebol iniciou-se a discussão sobre a profissionalização dos praticantes do esporte que foi exigida pelos operários-jogadores das classes populares que queriam condições iguais às recebidas pelos atletas das equipes aristocráticas como tempo de treinamento e descanso (LOVILOSO, 2011). Conforme esse autor, a profissionalização só foi

possível pela aliança do espetáculo dos estádios com os meios de comunicação e foi fundamental para a popularização do futebol no país. Assim, graças a jogadores como Pelé, Garrincha, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Rivaldo e Neymar o Brasil se tornou referência na revelação de talentos no esporte, que ocupa a maior parte das páginas dos jornais e mesas de debate esportivo, e o futebol masculino se consagrou como “paixão nacional”.

A entrada de recursos e o surgimento de um número cada vez maior de patrocinadores favoreceram a expansão e a profissionalização dos clubes de futebol e culminaram com a geração de milhões de torcedores em todo o país. Para gerir essa nova estrutura, foi criada a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 1979, após a extinção da CBD.

A primeira partida da seleção brasileira masculina de futebol aconteceu em 21 de julho de 1914 contra a equipe inglesa Exeter City no estádio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro. O Brasil venceu o jogo por 2 a 0, mas a Federação Internacional de Futebol (FIFA) não reconhece a realização da partida. Dois meses depois, a equipe ganhou seu primeiro título, vencendo a Argentina por 1 a 0 na Copa Rocca. O site da CBF afirma que, com o primeiro troféu “começava a lenda da Seleção mais gloriosa e temida da história, que seria responsável por transformar o futebol em mais que uma paixão nacional – em uma religião”.

Desde então, com todo o apoio recebido das entidades do esporte brasileiro, da imprensa e dos patrocinadores, a seleção masculina participou de todas as edições da Copa do Mundo desde a primeira realização em 1930, no Uruguai, sendo a equipe com mais títulos de campeã mundial: venceu a competição em 1958 na Suécia; no Chile em 1962; em 1970 no México; nos Estados Unidos em 1994; e na edição realizada no Japão e na Coreia do Sul, em 2002. De acordo com Savenhago (2011), a conquista do bicampeonato mundial, em 1962, propiciou uma época de ouro para o futebol brasileiro, pois se criou um mercado internacional para os times nacionais que podiam divulgar o clube e seus produtos em outros países.

A história do futebol masculino no Brasil se confunde, em determinados pontos, com o desenvolvimento do jornalismo esportivo brasileiro. O esporte mais popular no Brasil auxiliou na ampliação da imprensa esportiva assim como a mídia ajudou no crescimento da modalidade masculina.

3.3 Futebol nos Jogos Olímpicos

A primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna aconteceu em 6 de janeiro de 1896 na cidade de Atenas, Grécia, e teve a participação de 311 atletas representando 13 países. A Olimpíada ocorre a cada quatro anos e na edição seguinte, realizada em Paris no ano de 1900, houve dois jogos de exibição de futebol masculino entre um clube francês e outro inglês. Apenas em 1908, nos Jogos de Londres, a modalidade masculina passou a integrar o quadro de competições oficiais, sagrando a Grã-Bretanha como a primeira seleção a ser campeã olímpica de futebol masculino. A seleção brasileira masculina de futebol estreou nos Jogos de 1952 quando foi eliminada pela Alemanha Ocidental nas quartas de final. Desde então, a equipe subiu ao pódio seis vezes: nos Jogos de 2016 no Rio de Janeiro quando levou a medalha de ouro; ao receber medalha de prata nas Olimpíadas de 1984, 1988 e 2012; e ao conquistar medalha de bronze em 1996 e 2008. A seleção masculina não se classificou para as edições de 1980, 1992 e 2004. Em 1992 foi instituída a regra de que as seleções só poderiam convocar jogadores de até 23 anos para disputar os Jogos. Quatro anos depois, mudou-se o regulamento incluindo que cada seleção poderia levar até três atletas acima de 23 anos para representar o país.

A história do futebol feminino na Olimpíada começa, apenas, nos Jogos de Atlanta, em 1996. O time dos Estados Unidos conquistou a medalha de ouro e a seleção brasileira ficou com a 4ª colocação, mesmo resultado de Sidney 2000 e Rio 2016. Nas edições de Atenas em 2004 e Pequim 2008, as jogadoras brasileiras ficaram com a prata, perdendo a final para a seleção americana que possui quatro medalhas de ouro. Em Londres 2012, o Brasil terminou na 6ª posição.

A XXXI edição dos Jogos Olímpicos ocorreu no Rio de Janeiro de 5 a 21 de agosto. A Rio 2016, como ficou conhecida, teve a participação de 16 seleções masculinas e 12 femininas nas competições de futebol. Os jogos femininos iniciaram no dia 3 de agosto e terminaram no dia 19 de agosto. Já as partidas masculinas começaram no dia 4 de agosto com a final sendo realizada no dia 20 de agosto. A equipe brasileira masculina conquistou a primeira medalha de ouro na disputa de pênaltis contra a Alemanha. Em terceiro lugar ficou a Nigéria. Na decisão feminina, a Alemanha venceu a Suécia por 2 a 1 mesmo resultado da vitória do Canadá sobre a

seleção brasileira na disputa de terceiro lugar. Com o resultado, as jogadoras do Brasil ficaram na 4ª colocação.

4. CONCEPÇÃO METODOLÓGICA

Para atender o objetivo deste estudo foram utilizadas as técnicas da Análise de Conteúdo apoiadas nas teorias de Laurence Bardin (2011).

4.1 Análise de Conteúdo

Os indícios do começo da análise de conteúdo, como a conhecemos atualmente, datam do início do século XX nos Estados Unidos, na Escola de Jornalismo de Columbia. Por aproximadamente 40 anos desenvolveu-se, principalmente, a técnica de analisar materiais jornalísticos. Com a Primeira Guerra Mundial, as propagandas passaram a protagonizar as linhas de investigação e, em seguida, os interesses políticos se tornaram o grande tema das análises. Entretanto, a partir da década de 1970, a análise de conteúdo começou a se concentrar nas possibilidades tecnológicas com o advento dos computadores para alargar os campos de investigação, dando atenção especial à área da comunicação com os estudos de enunciação linguística, análise de conversação e discurso, lexicometria, bases de dados e documentação etc. (BARDIN, 2011).

Atualmente, todas as mensagens enviadas por um emissor, autor da mensagem, a um receptor, que a recebe, deveriam poder ser decifradas através das técnicas desta prática, pois se entende a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessa mensagem (BARDIN, 2011, p. 48).

Os métodos utilizados para realizar uma análise são: organização, codificação, categorização e inferência.

A primeira parte se divide entre as fases de pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação. No primeiro momento, ocorre a organização do material para tornar as ideias iniciais operacionais e sistematizadas com o objetivo de conduzi-las a um esquema preciso de desenvolvimento para as

operações sucessivas. A pré-análise pode conter, ainda, leitura dos materiais, escolha dos documentos, formulação de hipóteses e objetivos, referenciação do conteúdo, elaboração de indicadores e, por fim, a preparação do material selecionado. Nessa fase ocorrem basicamente as operações de codificação, decomposição ou enumeração (BARDIN, 2011).

A Codificação é uma transformação dos dados brutos do texto buscando atingir uma compreensão do conteúdo ou da expressão através da escolha das unidades de registro (palavra, tema, objeto, acontecimento, personagem, entre outros), contexto (onde e em que circunstâncias ocorreram os fatos analisados), das regras de enumeração (regidas pelos níveis de intensidade, ordem, presença, frequência, direção e co-ocorrência) e pela escolha das categorias (BARDIN, 2011).

O terceiro método da análise de conteúdo é a categorização: uma operação de classificação de elementos por diferenciação. Alguns dos conjuntos categoriais mais utilizados para análise são: de valores, dos fins e dos meios, da interação, do estado psicológico e da imprensa.

A última fase é a da inferência, um tipo de interpretação controlada baseada em quatro pólos de análise: o emissor ou produtor de mensagem, o receptor, a mensagem (o principal) e o medium (canal ou suporte material do código) (BARDIN, 2011).

Ancorados por essa sequência de análise teórica, foram selecionados os programas do Globo Esporte, da Rede Globo, que compreende os dias 01 a 22 de agosto, abrangendo o período de duração dos Jogos Olímpicos Rio 2016, ocorridos de 05 a 21 de agosto. O objeto de estudo serão as informações veiculadas sobre o futebol olímpico no programa, separando e analisando o espaço dado às modalidades brasileiras de futebol feminino e masculino. Todas as reportagens utilizadas na pesquisa foram acessadas e decupadas do site *Globo Play* e serão analisadas através do tempo disponibilizado para cada equipe, quantidade de matérias, número de repórteres, escolha dos entrevistados e ordem ocupada na grade do programa.

4. 2 Programa Globo Esporte

A Rede Globo é a maior emissora de canal aberto do Brasil e a segunda maior rede mundial de televisão, ficando atrás, somente, da americana *American Broadcasting Company* (ABC). A TV Globo atinge cerca de 200 milhões de pessoas por dia, alcançando 99,55% do total da população brasileira em 5.490 municípios, 98,56% do território nacional. Criada em 1963 pelo empresário Roberto Marinho, a Globo ficou conhecida, desde o início, pela qualidade apresentada e pelos meios utilizados para alcançar o posto de principal televisão aberta do país.

Segundo Savenhago (2011), a possibilidade de ver algo que até então podia ser apenas imaginado fez com que a televisão começasse a integrar a rotina da população. “A venda de aparelhos crescia a cada dia e a fidelidade para com a Globo também, visto que, em matéria de profissionalismo, ela já figurava à frente de outros canais, como a Excelsior, por exemplo” (SAVENHAGO, 2011, p. 27). Assim, difundiu-se o conhecido “padrão Globo de qualidade” que buscava oferecer as melhores condições técnicas e tecnológicas ao público. Como algo novo e que ainda não era entendido completamente pela população, a televisão passou a ser vista como a fonte da verdade e a qualidade de transmissão como sendo um critério de credibilidade. “Roberto Marinho percebia a grandeza do poder que possuía em mãos. Sabia que a emissora tinha credibilidade e o que colocasse no ar seria aceito como verdadeiro pela maior parte da população” (SAVENHAGO, 2011, p. 27).

Assim, aliando interesses políticos e econômicos, as mazelas da ditadura foram encobertas pela emissora, que utilizava as novelas e os programas para apresentar um país sem problemas, além de maquear os protestos e manifestações que ocorriam. A emissora faturou as maiores fatias dos gastos publicitários no governo militar, “num período em que se posicionar contrariamente à forma de governo era motivo de censura, a Globo foi o braço direito dos militares” (SAVENHAGO, 2011, p. 27). Com o apoio econômico, político e do poder, a empresa da família Marinho conseguiu criar um império na comunicação brasileira, a Rede Globo.

O Globo Esporte é um telejornal esportivo que integra a programação diária da emissora, sendo transmitido de segundas a sábados, por volta das 13h, desde o dia 14 de agosto de 1978. Ele possui uma edição nacional gravada pela Rede Globo Rio

de Janeiro e veiculada para os estados que não têm edição regional do programa. Distrito Federal, Amazonas, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gérias, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo e Santa Catarina transmitem produções próprias, dando ênfase às notícias locais. Ainda, algumas matérias produzidas pelo Globo Esporte Nacional também são difundidas pelos programas regionais.

Como aparece na descrição do programa no site de programação da Rede Globo, “o Globo Esporte atualiza o noticiário esportivo do dia com os destaques do Brasil e do mundo”, sendo o único telejornal esportivo diário da rede aberta de televisão dedicado a informar, em teoria, sobre todos os esportes. O programa vai ao ar, normalmente, das 12h40min às 13h15min de acordo com o horário de Brasília.

No período da Olimpíada realizada no Brasil, todos os programas foram gerados pela edição do Rio de Janeiro e distribuídos para todo o país, a partir do estúdio montado, pela Rede Globo, dentro do Parque Olímpico. Foram transmitidos 18 programas entre os dias 01 a 22 de agosto sendo escolhidas e decupadas as matérias sobre as seleções brasileira de futebol feminina e masculina e encontradas as informações descritas a seguir:

4.2.1 Programa do dia 01 de agosto (segunda-feira):

Do total de 24'56"⁷, 1'53" foram destinados à reportagem sobre a seleção masculina de futebol e 1'39" à seleção feminina de futebol. Aos 6'29", final do primeiro bloco, a apresentadora Fernanda Gentil fala “vamos então falar de futebol”, comentando que os jogos da modalidade iniciam antes da abertura (tanto femininos quanto masculinos) e que na quinta-feira haverá jogo da seleção masculina. A apresentadora relembra que as duas seleções buscam o inédito ouro olímpico. Em seguida, entra o repórter Eric Faria ao vivo da frente do hotel onde os jogadores estão hospedados em Brasília. O repórter fala da substituição do goleiro brasileiro, Fernando Prass, cortado por lesão, pelo defensor do Atlético-PR, Wéverton, que aparece em

⁷ Utilizou-se (') para representar minuto e (") para segundos.

entrevista coletiva. Quando termina, Fernanda Gentil diz, antes de chamar o intervalo: “falamos dos homens e depois do intervalo é a vez das mulheres”.

A matéria sobre as meninas é a segunda do segundo bloco com a introdução “timaço de políglotas” feito pela apresentadora. A repórter Maíra Lemos mostra que a maior parte das atletas brasileiras joga fora do país e algumas aparecem falando em outras línguas: Marta sueco; Érika⁸ francês; Andressa Alves espanhol; e Debinha⁹ em português. “Todas elas vieram de longe para ganhar uma medalha aqui no Brasil” relata a repórter antes de encerrar com a Érika mandando beijo em francês. Há mais duas reportagens até acabar o bloco.

4.2.2 Programa do dia 02 de agosto (terça-feira):

Há uma matéria sobre a seleção masculina de 2’13” dentre os 25’06” do programa completo. Não há nenhuma reportagem sobre a seleção feminina que estrearia no dia seguinte, 03 de agosto. No final do primeiro e do segundo bloco, a apresentadora Fernanda Gentil faz as seguintes chamadas: “ainda hoje notícias da seleção masculina de futebol que estreia depois de amanhã” e “ainda tem Neymar em Brasília, hein, o craque tem ótimas recordações da capital federal”, respectivamente. O terceiro bloco do programa inicia com “está chegando a hora, hein, depois de amanhã tem seleção masculina do Brasil de futebol” da apresentadora e, na sequência, colocam a matéria de Eric Faria que fala sobre o novo uniforme dos homens, mostrando os que foram usados em outras edições de Jogos Olímpicos. Neymar aparece em destaque com o repórter falando sobre os jogos disputados pelo atleta no estádio Mané Garrincha, local da partida, e no final ele é entrevistado.

⁸ Erika Cristiano dos Santos é zagueira e volante do Paris Saint-Germain da França desde 2015. Paulista, ela nasceu em 04/02/1988.

⁹ Débora Cristiane de Oliveira, conhecida como Debinha, tem 25 anos e nasceu em Brasópolis, Minas Gerais. É atacante e joga pelo Dalian Quanjian da China.

4.2.3 Programa do dia 03 de agosto (quarta-feira):

No dia da estreia da seleção feminina a íntegra possui 26'02" com duas matérias sobre as mulheres de 2'03" e 1'03" e uma sobre os homens com 2'35". A abertura informa sobre a estreia da seleção feminina de futebol na Rio 2016 por cerca de 9". Fernanda Gentil começa com "amanhã futebol masculino, hoje futebol feminino", após "amanhã anota aí, tem futebol masculino: Brasil contra África do Sul" e chama uma matéria falando que Neymar deu um susto no treino. Eric Faria conta como ocorreu a pequena lesão que o jogador teve durante o treinamento e refere-se a ele como "Neymar, estrela maior do futebol olímpico". O meia Renato Augusto fala em entrevista coletiva e elogia o companheiro. Eric ainda explica a regra dos jogadores acima de 23 anos nas seleções e cita os atletas que já foram convocados nesta categoria. Quando retorna ao estúdio, a apresentadora fala, por 22", sobre a contratação de Gabriel Jesus, atacante da seleção olímpica, realizada pelo Manchester City.

Ao final do segundo e do terceiro bloco, há chamadas para a estreia do futebol feminino: "bola rola na Olimpíada, hoje, com a estreia da seleção 15h15min aqui na Globo" e "a Olimpíada começa hoje para a seleção feminina de futebol e está nas mãos da Bárbara¹⁰ segurar os chutes das chinesas... E no próximo bloco vamos ao vivo para o Engenhão para saber os detalhes do jogo". As duas últimas reportagens do Globo Esporte são sobre a seleção feminina e Gentil cita as principais forças da equipe: Formiga, Marta, Cristiane e Bárbara. Na primeira (2'03"), a repórter Maíra Lemos fala das características estéticas e locais das jogadoras, focando na carreira da goleira Bárbara e dando espaço para as falas da jogadora sobre o próprio biotipo e seu momento atual na seleção. Após, o repórter Kiko Menezes aparece ao vivo do Engenhão, local do confronto com a China, entrevistando torcedores brasileiros sobre a expectativa para o jogo feminino (1'03").

¹⁰ A goleira Bárbara Micheline do Monte Barbosa nasceu em Recife (PE) em 04/07/1988. Integra a Seleção Permanente da CBF e é titular da seleção brasileira.

4.2.4 Programa do dia 04 de agosto (quinta-feira):

A abertura do Globo Esporte no dia da estreia da seleção masculina e vitória da feminina no primeiro jogo, ocorrido no dia anterior, tem imagens dos times masculino e feminino com as seguintes narrações de Fernanda Gentil: “hoje é o dia deles começa a busca pelo ouro inédito” e “elas estrearam com vitória”. No encerramento da abertura aparecem imagens do técnico da seleção masculina de futebol, Rogério Micalé, e do goleiro Wéverton enquanto a apresentadora fala “é o Globo Esporte no ar com futebol, natação, basquete, tênis, atletismo e muito mais”.

O programa possui 25’20” com 2’12” dedicados à equipe feminina de futebol e 4’25” ao time masculino. Ao final do segundo bloco, Gentil faz a chamada para a matéria da vitória da seleção feminina que será depois do intervalo. A última matéria do terceiro é sobre o time feminino e inicia no estúdio mostrando a tabela do grupo do Brasil. A reportagem é realizada por Maíra Lemos que mostra a “primeira participação brasileira em casa em Olimpíadas” e depois um recado gravado pelos jogadores da seleção masculina Neymar, Marquinhos, Felipe Anderson e Rafinha desejando sorte para a “galera do futebol feminino”. Aparecem falas das atletas Mônica¹¹, Andressa Alves, Cristiane e Marta, além de três torcedores. A matéria ainda conta que Cristiane se tornou a maior artilheira do futebol feminino em Olimpíada com o gol marcado contra a seleção chinesa.

Quando volta para o estúdio: “e o próximo bloco é todo da seleção masculina” comenta a apresentadora. A reportagem masculina é assinada por Abel Neto que mostra o último treino realizado pela equipe, a possível formação do time e trechos de uma entrevista coletiva do treinador Rogério Micalé comentando sobre a visita ao estádio Mané Garrincha, palco da partida. O repórter deu visibilidade ao treinador Rogério Micalé que é o personagem a partir do qual a matéria se desenvolve aparecendo em entrevista e na maior parte das imagens. “Desde que a seleção se reuniu em Teresópolis foram 15 treinamentos e muita conversa entre Micalé e os jogadores” afirma Abel Neto antes de o treinador falar sobre a sua metodologia de trabalho. Ele ainda aparece mais quatro vezes falando sobre a equipe. Ao terminar a

¹¹ A zagueira Mônica Hickmann Alves joga no Orlando Pride (EUA) e é natural de Porto Alegre (RS). Ela nasceu em 21/04/1987.

matéria entra um “ao vivo” de Mauro Naves na frente do hotel da seleção, falando sobre o modo de trabalhar do treinador Micale e do apoio dos mais de 65 mil torcedores que irão ao estádio. Para finalizar, Abel Neto aparece novamente falando “ao vivo” com a torcida no estádio Mané Garrincha.

4.2.5 Programa do dia 05 de agosto (sexta-feira):

O programa do dia da abertura da Rio 2016, tem 23’50” e na abertura há imagens das chances desperdiçadas pelos jogadores brasileiros no empate sem gols da seleção masculina com a África do Sul, no dia anterior, até os 41’. Após são mostradas as “lambanças” ocorridas nos outros jogos masculinos até os 2’. Ao terminar o primeiro bloco Fernanda Gentil fala novamente sobre os gols que os meninos do Brasil perderam no jogo. A reportagem sobre a seleção masculina, a última do segundo bloco, é assinada por Eric Faria que destaca a participação de Neymar durante o jogo e coloca uma entrevista do próprio jogador falando sobre a dificuldade de fazer um gol na partida. A matéria ainda conta os principais momentos do jogo, intercalando-os com as entrevistas de Gabriel Jesus, Marquinhos e Renato Augusto sobre o resultado da partida. O repórter diz “empate no jogo, goleada na decepção”. A seleção feminina jogaria no dia seguinte e não há nenhuma matéria ou informação sobre a partida e a equipe¹².

4.2.6 Programa do dia 08 de agosto (segunda-feira):

O Globo Esporte retorna na segunda-feira com um programa de 26’. A seleção feminina havia ganhado de 5 a 0 da Suécia na noite de sábado, 06/08, e não aparece nada sobre o jogo nem informações sobre o próximo confronto das meninas brasileiras, que seria no dia seguinte. Já o time masculino, que havia empatado com o Iraque no domingo, 07/08, possui uma matéria de 2’56”. A abertura do programa

¹² No dia 6 de agosto, o Globo Esporte não foi veiculado.

mostra o final do confronto brasileiro interposto com falas do técnico Rogério Micalle que comenta as vaias recebidas pela equipe, por 29”.

A reportagem entra em seguida e é feita por Mauro Naves que mostra a insatisfação da torcida com o futebol apresentado pela seleção masculina enquanto narra os momentos mais importantes da partida. Os titulares Gabriel (Gabigol), Wéverton, Renato Augusto e Gabriel Jesus dão entrevistas falando sobre a situação da equipe que cria oportunidades, mas não consegue marcar um gol e vencer os confrontos. O repórter destaca que na metade do segundo tempo os torcedores começaram a gritar o nome da camisa 10 da seleção feminina, Marta, e que ao final da partida os jogadores brasileiros saíram “envergonhados” e não falaram com a imprensa, como foi o caso de Neymar. Rogério Micalle defende o atleta em entrevista coletiva e fala que a seleção ainda tem grandes possibilidades de se classificar para a próxima fase do torneio olímpico. Ao terminar, Fernanda Gentil aparece no estúdio comentando sobre a situação do grupo do Brasil e mostra os gols das outras seleções por mais 29”.

4.2.7 Programa do dia 09 de agosto (terça-feira):

No dia do 3º jogo da seleção feminina pela fase de grupos e véspera da última partida da equipe masculina pelo grupo A, o Globo Esporte não veicula nenhuma informação sobre as seleções de futebol na Olimpíada.

4.2.8 Programa do dia 10 de agosto (quarta-feira):

No dia seguinte tem uma matéria de 1’47” sobre o time feminino que havia empatado o jogo contra a África do Sul na noite anterior e outra de 2’32” sobre o jogo masculino que seria transmitido à noite. A abertura do Globo Esporte explana as declarações da goleira dos Estados Unidos, Hope, sobre o Zika vírus no Brasil e a consequente repercussão no país. O segundo bloco inicia com a apresentadora Fernanda Gentil comentando a situação do Brasil no futebol masculino na Rio 2016 e

chamando a reportagem de Eric Faria dizendo que o Brasil “precisa vencer ou vencer”. A matéria começa com uma entrevista dada por Rogério Micale na véspera de enfrentar a Dinamarca. O treinador expõe o momento delicado que a equipe está passando, pois pode não se classificar para a próxima fase e defende o jogador Neymar diante das críticas e cobranças sofridas pelo profissional. A reportagem se desenvolve em torno dos comandantes das seleções masculina olímpica e adulta, falando bastante de Micale e citando que o treinador Tite está acompanhando o seu trabalho. O único a ter espaço de fala foi o treinador olímpico.

Já a reportagem feminina, realizada por Maíra Lemos, tem a introdução de Fernanda Gentil opinando sobre o empate: “mas tudo bem, está tranquilo, a gente perdoa porque ao contrário de muita gente, já entraram classificadas e fizeram muitos gols até aqui”. A goleira Aline¹³ e a atacante Raquel¹⁴, jogadoras reservas que começaram a partida, falaram sobre o jogo assim como a lateral titular Tamires¹⁵. Aparecem imagens da torcida que lotou a Arena Amazônia e a entrevista de um torcedor que se diz emocionado por poder ver o jogo do Brasil. Ao encerrar, Maíra afirma “para compensar a falta de gols, carinho e muita *selfie* com os torcedores” enquanto são mostradas imagens das jogadoras brasileiras interagindo com a torcida no estádio.

4.2.9 Programa do dia 11 de agosto (quinta-feira):

O Globo Esporte, após a goleada da seleção masculina, que possibilitou a classificação para as quartas de final, e véspera do jogo feminino pela 2ª fase do torneio olímpico, possui 31' e nenhuma matéria da seleção feminina. A abertura do programa é com o Galvão Bueno narrando os quatro gols da vitória do Brasil sobre a Dinamarca no dia anterior e emenda com a fala inicial de Fernanda Gentil: “tudo que não fizemos até agora na Olimpíada, fizemos ontem” até os 57”. No final do segundo

¹³ Aline Villares Reis é a goleira reserva da seleção feminina brasileira. Paulista de Aguaí, ela nasceu em 15/04/1989 e faz parte da Seleção Permanente da CBF.

¹⁴ Raquel Fernandes dos Santos é atacante reserva da seleção brasileira feminina e defende o Changchun Club da China. Nascida em Contagem, (MG), ela tem 25 anos.

¹⁵ Tamires Cássia Dias Gomes é lateral esquerda da seleção feminina e defende o Atlético Mineiro. Natural de Belo Horizonte, a jogadora possui 29 anos.

bloco teve uma reportagem sobre a eliminação das seleções masculinas do México e da Argentina. A matéria sobre a seleção masculina possui 3'57" e começa com a apresentadora enaltecendo o apoio da torcida brasileira na conquista do resultado positivo da seleção masculina. Assinada por Abel Neto, a reportagem tem cenas da entrevista coletiva de Rogério Micalle comentando a partida. "Em uma noite em que time e torcida finalmente fizeram as pazes" afirma o repórter antes de descrever o jogo. Gabigol, Gabriel Jesus e Neymar também são entrevistados e comentam sobre os gols feitos por cada um na primeira vitória da equipe. Foi a primeira matéria do terceiro bloco.

4.2.10 Programa do dia 12 de agosto (sexta-feira):

No dia do jogo pelas quartas de final da seleção feminina há uma reportagem sobre a partida com 1'36" e uma matéria sobre o bom desempenho do jogador Luan, da seleção masculina, de 2'10" dentro dos 31'12" do programa completo. Ao iniciar o programa, Fernanda Gentil diz: "começam as fases decisivas do futebol Olímpico. Entre os homens Luan conseguiu uma vaga no time que vai pegar a Colômbia amanhã. Entre as mulheres, a Debinha vai substituir Cristiane no jogo de hoje contra a Austrália". A apresentadora ainda comenta que no próximo bloco haverá mais "dessas duas seleções que estão também com o caminho bom, conseguiram entrar nos trilhos, principalmente a masculina que conseguiu uma vitória boa, classificou e acho que agora vai". Mostra a agenda do dia e fala do jogo feminino às 22h.

A matéria que fala sobre o Luan entra no início do terceiro bloco: "voltamos para falar de futebol masculino, o Brasil pega a Colômbia amanhã... e, ó, Luan está no grupo" antes de rodar a reportagem feita por Eric Faria mostrando a importância do jogador para o grupo e como ele conquistou seu espaço na equipe titular. Aparecem algumas falas do atleta sobre a oportunidade de integrar o time. Antes de encerrar, mostram-se as especulações sobre um possível interesse dos times europeus no jogador gremista.

Na volta ao estúdio: "e as nossas meninas entram em campo hoje pelas quartas de final... é vencer ou dar tchau" relata Fernanda Gentil ao chamar a reportagem de

Maíra Lemos, que mostra a descontração das jogadoras tirando fotos no gramado antes de iniciar o treino de preparação para o jogo. A lateral Tamires fala sobre a jogadora Debinha que substituirá a lesionada Cristiane. “Que venha mais uma vitória brasileira para que elas possam continuar fotografando o Brasil de braços abertos” encerra a repórter ao mostrar que as jogadoras estavam treinando cobranças de pênalti.

4.2.11 Programa do dia 13 de agosto (sábado):

No dia após a vitória nos pênaltis e a conquista da vaga para a semifinal da Olimpíada pela seleção feminina e do jogo válido pelas quartas de final do time masculino, foram encontrados somente os vídeos sobre as matérias feitas no programa, um de 1’52” dedicados a eles e outro de 3’08” sobre as jogadoras brasileiras. A reportagem masculina é feita por Mauro Naves que mostra partes do último treinamento da equipe antes do jogo, ressaltando os possíveis trabalhos técnicos que poderiam ser feitos com os jogadores, e comenta que o treino foi praticamente todo fechado à imprensa. Neymar vai ao campo, mas não treina. Em seguida, Rogério Micalé fala em entrevista coletiva que o fato de Neymar não ter treinado não afetaria o seu desempenho na partida. Mauro Naves fala da dúvida do treinador em escalar os volantes Thiago Maia ou Wallace. “É uma boa dor de cabeça” brinca Micalé. No fim, Wallace será o titular bem como todos os jogadores que começaram a última partida. O repórter encerra falando sobre as qualidades do time da Colômbia e dando espaço para Rogério Micalé falar sobre o adversário.

“Foi o maior público para a seleção feminina nesta Olimpíada” inicia Maíra Lemos mostrando imagens dos 52.660 torcedores presentes no Mineirão, e explicando que o jogo foi tenso. A repórter falou das chances desperdiçadas pelas brasileiras e a doação de cada uma das jogadoras nos 120 minutos de partida (dois tempos normais de 45’ e a prorrogação de 30’). As jogadoras Debinha e Andressa Alves contam que “a bola não entrava”. Segundo a jornalista, “Marta tentou de tudo e nada”. Mesmo assim, a decisão foi para os pênaltis. “Tivemos muitas chances”, relata a atacante eleita cinco vezes a melhor jogadora do mundo.

A reportagem mostra que as penalidades foram decididas a partir dos pés da Marta porque até a 9ª cobrança todas as oportunidades haviam sido aproveitadas com quatro gols para cada time. Marta chutou a 5ª cobrança brasileira e não converteu. “Difícil de acreditar”, expõe Maíra Lemos. Na sequência, a goleira Bárbara pegou a cobrança da australiana, “ufa” diz a repórter. Após, Tamires fez o gol e a Bárbara defendeu, novamente, o chute das adversárias. Depois das defesas, aparece toda a comemoração das jogadoras e dos torcedores brasileiros. Bárbara conta em entrevista que foi iluminada e mostram cenas da Marta chorando e correndo pelo gramado. No final, há informações sobre as próximas adversárias, as suecas, e Marta encerra dizendo que “a gente está saindo daqui mais forte do que nunca”. A última imagem é da 2ª defesa feita pela Bárbara nas cobranças de pênalti.

4.2.12 Programa do dia 15 de agosto (segunda-feira):

Na véspera da partida da seleção feminina contra a Suécia pela semifinal dos Jogos, o Globo Esporte possui 23’ e nenhuma reportagem sobre futebol olímpico. A seleção masculina também avançou no torneio e disputará a semifinal na quarta-feira, 17 de agosto.

4.2.13 Programa do dia 16 de agosto (terça-feira):

O Globo Esporte do dia da semifinal feminina entre Brasil e Suécia e véspera do confronto masculino com Honduras pela mesma fase da competição tem duração de 23’52”. Há uma reportagem sobre a seleção masculina de 1’23” e apenas uma chamada para a partida das brasileiras feita pela apresentadora Fernanda Gentil antes de encerrar o programa e iniciar o jogo, que começaria às 13h. Aos 2’27” a apresentadora diz: “vamos falar de futebol masculino... amanhã tem Brasil e Honduras. Nossos meninos entram em campo a 1h da tarde pela semifinal do futebol”. E chama o repórter Eric Faria que entra ao vivo da Granja Comary com informações sobre o último treino, que teve a entrada liberada dos torcedores. O repórter ressalta que o que chamou a atenção da imprensa foi uma conversa entre Rogério Micalé e o

atacante Gabigol, que fez com que os jornalistas se perguntassem se o treinador mudaria o esquema tático, além de fazer suposições de possíveis substitutos para a vaga do atacante santista, caso o técnico alterasse a formação do time. Eric ainda destaca a importância de Gabigol para a seleção e encerra dizendo que “ficamos na dúvida”.

Sobre a seleção feminina não houve nenhum comentário sobre o jogo delas durante todo o programa. No encerramento do Globo Esporte, a apresentadora fala: “logo mais tem futebol, nossas meninas, Brasil e Suécia, é vencer ou vencer já na semifinal”. A chamada possui 10”.

4.2.14 Programa do dia 17 de agosto (quarta-feira):

O programa posterior à derrota feminina nos pênaltis para a Suécia que eliminou as chances de a seleção brasileira buscar o inédito ouro olímpico teve 22’52’ e não mostrou nenhuma informação sobre a partida ou a equipe feminina. Já a seleção masculina, que jogaria a semifinal na sequência do Globo Esporte, possui uma matéria de 1’33’ realizada por Mauro Naves ao vivo do Maracanã. O repórter fala sobre a expectativa dos mais de 70 mil torcedores que acompanharão a partida, mostrando a preparação para o jogo e contando a história dos confrontos entre Brasil e Honduras, afirmando que o “Brasil é favorito, mas não é um adversário muito tranquilo, não”. A seleção já está confirmada e escalada com a mesma equipe que disputou os dois jogos anteriores. O repórter diz toda a escalação e finaliza falando que Neymar “está muito afim desta medalha de ouro”.

4.2.15 Programa do dia 18 de agosto (quinta-feira):

Um dia após a conquista da seleção masculina para a vaga na final da competição, dos 24’54” de duração do Globo Esporte, 6’06” são reservados ao time masculino do Brasil. Não há nada sobre a equipe feminina que disputaria o terceiro lugar no dia seguinte.

O programa inicia falando sobre o canoísta Isaquias Queiroz. Após, “a gente começa falando sobre futebol masculino, Neymar liderou a vitória” conta a apresentadora Fernanda Gentil antes de chamar a reportagem de Eric Faria que mostraria os 6 gols da vitória do time masculino e o gol mais rápido da história dos Jogos feito por Neymar aos 14”. “Pense num professor feliz” começa o repórter ao falar dos acontecimentos do último jogo. Rogério Micalle em entrevista coletiva comenta sobre as qualidades da equipe. Eric Faria fala sobre a união e o fortalecimento do grupo após as críticas e vaias sofridas e o treinador entra, novamente, para expor sua opinião sobre o assunto. Em seguida, o repórter conta como foi o jogo dando destaque para o gol de Neymar que “mostrou que um craque também pode ser um craque raçudo”, e para a atuação dele na partida. Micalle fala mais uma vez e elogia o jogador do Barcelona. Os outros gols brasileiros foram feitos por Gabriel Jesus, que balançou duas vezes as redes, Marquinhos, Luan e mais um de Neymar para encerrar.

Gabriel Jesus, Marquinhos, Rodrigo Caio, Gabigol e Luan comentam sobre os gols e o rendimento do ataque brasileiro. Eric mostra a Alemanha, adversária na final, e Gabigol e Renato Augusto falam da vontade de receber a medalha de ouro. “Uma medalha no peito e o futebol brasileiro, enfim, poderá fechar uma Olimpíada com chave de ouro” termina o jornalista da Globo.

De volta ao estúdio, Fernanda Gentil chama o repórter Abel Neto que está ao vivo na frente do hotel da seleção masculina e fala sobre a partida da semifinal e da seleção alemã. Ao final conta como será a programação dos jogadores brasileiros. A apresentadora encerra o programa com a frase: “toda a nossa torcida para ele (Isaquias Queiroz) e para os meninos do vôlei, do futebol e a todos os nossos atletas que estão, sim, cumprindo o papel deles aqui”.

4.2.16 Programa do dia 19 de agosto (sexta-feira):

No dia da disputa da medalha de bronze para a seleção feminina e na véspera do confronto pelo ouro da equipe masculina é veiculada uma matéria de 2’15” sobre as meninas e não aparece nada sobre os jogadores brasileiros dentro dos 18’16” do

programa. As informações sobre o time feminino aparecem depois da primeira reportagem com a apresentadora Fernanda Gentil dizendo que “já, já pode sair mais uma medalha de bronze” com o futebol feminino. Fernanda chama a repórter Maíra Lemos, que fala ao vivo da Arena Corinthians, local do jogo. Maíra Lemos fala sobre os últimos preparativos para o jogo e anuncia que todos os ingressos foram vendidos. “46 mil pessoas vão lotar as arquibancadas para empurrar o Brasil para cima do Canadá”. A jogadora Cristiane, maior artilheira da história dos Jogos Olímpicos, está recuperada da lesão e reforça o time, assim como a lateral titular Fabiana¹⁶. A repórter encerra afirmando que esse será o último jogo da jogadora Formiga pela seleção brasileira. Na volta ao estúdio, Fernanda Gentil fala “tomara que elas façam bonito” em um bate-papo com a jornalista Sandra Annenberg, que responde dizendo que “vão fazer, certamente”. Foi a segunda reportagem do primeiro bloco.

4.2.17 Programa do dia 20 de agosto (sábado):

O Globo Esporte apresentado no dia da final do futebol masculino entre Brasil e Alemanha e no dia seguinte à derrota da seleção feminina para o Canadá por 2 a 1, que tirou a equipe do pódio, deixando-a na 4ª colocação, possui 25'32”.

A reportagem feminina é a segunda do primeiro bloco, tem 3'04”, e começa com “as nossas meninas do futebol não conseguiram ficar com o bronze, mas levaram para casa um enorme reconhecimento do público” da apresentadora Fernanda Gentil. A matéria é assinada por Renato Peters, que pela primeira vez acompanhou a seleção feminina na Olimpíada. Ele fala que a disputa de terceiro não estava nos planos da equipe brasileira e comenta sobre a boa atuação das jogadoras canadenses. “A reação? Muito pouco né Marta?! Sem contar os cruzamentos para a área sem muito resultado. Era um Brasil que ainda parecia estar com a cabeça naquele jogo contra a Suécia... e o Canadá, mais para o Brasil”. Renato Peters continua a comparação do bom jogo do Canadá com a qualidade técnica brasileira ao narrar as jogadas dos dois gols canadenses.

¹⁶ Fabiana da Silva Simões é lateral direita da seleção brasileira de futebol, tem 26 anos e nasceu em Salvador. Atualmente, defende o Dalian Quanjian Women's Football Club (China).

O Brasil continuou tentando jogar a bola para a área e assim Bia ¹⁷diminuiu o placar. “A seleção não se entregou, lutou até o último minuto, mas cá entre nós: não parecia o Brasil” mostrando uma imagem da Marta tentando chutar, resbalando e caindo. “A nossa camisa 10 não aguentou e foi as lágrimas”. Marta aparece pedindo para o povo brasileiro continuar acreditando na seleção feminina. Na sequência, entra o repórter: “é, não deu. O Brasil se despede dos Jogos sem a tão sonhada medalha, mas vai levar um prêmio daqui, que vem das arquibancadas, o reconhecimento da torcida”. Quando acaba o jogo, mostram os aplausos dos torcedores e dão espaço para Debinha e Formiga falarem sobre o apoio que receberam do público. “Só tenho a agradecer o carinho recebido” encerra Formiga em sua despedida de Olimpíada. Ao voltar para Fernanda Gentil, ela diz: “dá uma pena né?! Elas mereciam tanto, mas estão de parabéns, fizeram muito bonito aqui na Olimpíada do Rio de Janeiro”.

Na continuação do programa, há uma chamada para a matéria sobre a seleção masculina no final do segundo bloco. Na volta do intervalo, Fernanda Gentil anuncia que “chegou o dia, o dia de Neymar e companhia conseguirem mais uma vez entrar para a história” relata a apresentadora antes de chamar o repórter Abel Neto que está ao vivo na frente do hotel onde a seleção está hospedada. Ele fala que o clima é de otimismo em função dos resultados conquistados nas últimas cinco partidas e comenta sobre a programação dos jogadores na preparação para a final. A delegação vai para “o estádio do Maracanã que com certeza vai estar lotado, verde e amarelo e em festa porque não são só os jogadores que estão otimistas, a torcida também está otimista e na esperança... ansiosos por esse inédito ouro olímpico, que pode vir hoje”.

Em seguida, ele chama o repórter Mauro Naves, que está no Maracanã, para falar do ambiente no estádio que deve receber mais de 70 mil torcedores. A imprensa não havia acompanhado o último treino, mas “a gente não espera nenhuma novidade”, afirma o repórter ao informar a possível escalação do Brasil. Retorna ao estúdio com a apresentadora, resumindo “que é dia de torcer, e muito, hoje”. A matéria tem a duração de 2’57”.

¹⁷ Beatriz Zaneratto é atacante da seleção feminina brasileira e nasceu em Araraquara (SP) no dia 17/12/1993. Atualmente defende as cores do Steel Red Angels da Coreia do Sul.

4.2.18 Programa do dia 22 de agosto (segunda-feira):

O primeiro programa depois do encerramento dos Jogos Olímpicos faz uma retrospectiva sobre a Olimpíada do Rio de Janeiro, baseada nos comentários e nas opiniões dos atletas e ex-atletas que integraram o “Time de Ouro” dos comentaristas da Rede Globo. Sobre o futebol olímpico, há apenas uma imagem de Neymar cobrando o pênalti, que garantiu o ouro brasileiro, e a comemoração dos jogadores e da torcida no estádio do Maracanã dentro de um vídeo, de 1’45”, com os melhores momentos dos Jogos. Não aparece nada sobre o futebol feminino. A íntegra é de 34’25”.

TABELA 1- SELEÇÃO FEMININA

Dias	Tempo	Entrevistados	Repórteres	Ordem	Matérias
01/08	1'39"	4 jogadoras	Maíra Lemos	2ª do 2º bloco	1
02/08	--	--	--	--	--
03/08	3'06"	1 jogadora e torcedores	Maíra Lemos (gravada); Kiko Menezes (ao vivo)	Últimas do programa	1
04/08	2'12"	4 jogadoras	Maíra Lemos	Última do 3º bloco	1
05/08	--	--	--	--	--
08/08	--	--	--	--	--
10/08	1'47"	3 jogadoras e 1 torcedor	Maíra Lemos	--	1
11/08	--	--	--	--	--
12/08	1'36"	1 jogadora	Maíra Lemos	2ª do 3º bloco	1
13/08	3'08"	4 jogadoras	Maíra Lemos	--	1
16/08	--	--	--	--	--
17/08	--	--	--	--	--
18/08	--	--	--	--	--
19/08	2'15"	--	Maíra Lemos ao vivo	2ª do 1º bloco	1
20/08	3'04"	3 jogadoras	Renato Peters	2ª do 1º bloco	1
Total	18'57"	11 jogadoras e 2 vezes a torcida	3	2ª do bloco: 4 Últimas: 2	8

Fonte: realizada pela autora

TABELA 2 - SELEÇÃO MASCULINA

Dias	Tempo	Entrevistados	Repórteres	Ordem	Matérias
01/08	1'53"	1 jogador	Eric Faria ao vivo	Última do 1º bloco	1
02/08	2'13"	1 jogador	Eric Faria	1ª do 3º bloco	1
03/08	2'55"	1 jogador	Eric Faria	1ª do programa	1
04/08	4'25"	Técnico e torcida	Abel Neto (gravado); Mauro Naves (ao vivo hotel); Abel Neto (ao vivo do estádio)	Todo o 4º bloco	1
05/08	5'22"	4 jogadores	Eric Faria	Última do 2º bloco	1
08/08	3'25"	Técnico e 4 jogadores	Mauro Naves	1ª do programa	1
10/08	2'32"	Técnico	Eric Faria	1ª do 2º bloco	1
11/08	4'54"	Técnico e 3 jogadores	Abel Neto	1ª do 3º bloco	1
12/08	2'10"	1 jogador	Eric Faria	1ª do 3º bloco	1
13/08	1'52"	Técnico	Mauro Naves	--	1
16/08	1'23"	--	Eric Faria (ao vivo Granja Comary)	1ª do programa	1
17/08	1'33'	--	Mauro Naves (ao vivo estádio)	Última do programa	1
18/08	6'06"	Técnico e 7 jogadores	Eric Faria	1ª do programa	1
19/08	--	--	--	--	--
20/08	2'57"	--	Abel Neto (ao vivo Hotel); Mauro Naves (ao vivo estádio)	1ª do 3º bloco	1
Total	43'40"	Técnico, torcida e 8 jogadores	3	1ª do bloco: 5 1ª do programa: 4 Últimas matérias: 3 Bloco inteiro: 1	14

Fonte: realizada pela autora

TABELA 3 – COMPARAÇÃO ENTRE AS DUAS SELEÇÕES¹⁸

Dias	Tempo	Entrevistados	Repórteres	Ordem	Matérias
01/08	1'39' 1'53"	4 jogadoras 1 jogador	Maíra Lemos Eric Faria (ao vivo)	2ª do 2º bloco Última do 1º bloco	1 1
02/08	-- 2'13"	-- 1 jogador	-- Eric Faria	-- 1ª do 3º bloco	-- 1
03/08	3'06" 2'55"	1 jogadora e torcedores 1 jogador	Maíra Lemos (gravada); Kiko Menezes (ao vivo estádio) Eric Faria	Última do programa 1ª do programa	1 1
04/08	2'12" 4'25"	4 jogadoras Técnico e torcida	Maíra Lemos Abel Neto (gravado); Mauro Naves (ao vivo hotel); Abel Neto (ao vivo estádio)	Última do 3º bloco Todo o 4º bloco	1 1
05/08	-- 5'22	-- 4 jogadores	-- Eric Faria	-- Última do 2º bloco	-- 1
08/08	-- 3'25"	-- Técnico e 4 jogadores	-- Mauro Naves	-- 1ª do programa	-- 1
10/08	1'47" 2'32"	3 jogadoras e 1 torcedor Técnico	Maíra Lemos Eric Faria	-- 1ª do 2º bloco	1 1
11/08	-- 4'54"	-- Técnico e 3 jogadores	-- Abel Neto	-- 1ª do 3º bloco	-- 1
12/08	1'36" 2'10"	1 jogadora 1 jogador	Maíra Lemos Eric Faria	2ª do 3º bloco 1ª do 3º bloco	1 1
13/08	3'08" 1'53"	4 jogadoras Técnico	Maíra Lemos Mauro Naves	-- --	1 1
16/08	-- 1'23"	-- --	-- Eric Faria (ao vivo Granja Comary)	-- 1ª do programa	-- 1
17/08	-- 1'33'	-- --	-- Mauro Naves (ao vivo estádio)	-- Última do programa	-- 1
18/08	-- 6'06"	-- Técnico e 7 jogadores	-- Eric Faria	-- 1ª do programa	-- 1
19/08	2'15" --	-- --	Maíra Lemos (ao vivo estádio) --	2ª do 1º bloco --	1 --

¹⁸ Azul forte = seleção feminina / azul fraco = seleção masculina.

20/08	3'04" 2'57"	3 jogadoras --	Renato Peters Abel Neto (ao vivo do Hotel); Mauro Naves (ao vivo do estádio)	2ª do 1º bloco 1ª do 3º bloco	1 1
Total	18'47" 43'40"	11 jogadoras e 2 vezes a torcida Técnico, torcida e 8 jogadores	3 3	2ª do bloco: 4 Últimas: 2 1ª do bloco: 9 Últimas: 3	8 14

Fonte: realizada pela autora

5. ESPAÇOS DE (IN)VISIBILIDADES

A partir da análise dos programas é possível comparar as informações veiculadas sobre o futebol feminino e masculino, mais especificamente entre as seleções brasileira de futebol masculina e feminina, no Globo Esporte durante a Olimpíada Rio 2016, ocorrida entre os dias 5 e 21 de agosto. Neste estudo optou-se por começar a partir do programa do dia 1 de agosto, segunda-feira da semana que iniciaria os Jogos, até o dia 22 de agosto, primeiro Globo Esporte após o encerramento da competição. Todos os programas foram gerados no estúdio da Rede Globo no parque Olímpico, apresentados pela jornalista Fernanda Gentil e distribuídos para todas as filiais regionais do programa. A análise se concentrará em cinco pontos principais: tempo, ordem das reportagens, personagens autorizados, números de repórteres e quantidade de matérias. No total foram analisados 18 programas, 15 falando sobre futebol olímpico dos quais 14 tiveram matérias sobre a equipe masculina e oito apresentaram informações sobre o time feminino¹⁹.

5.1 Ordem de Apresentação das Matérias

No Globo Esporte do dia 1º de agosto, a primeira matéria que cita o futebol olímpico é sobre a seleção masculina no final do primeiro bloco enquanto a feminina é a segunda do segundo bloco. Na véspera da estreia feminina, programa de 2 de agosto, não aparece nenhuma informação sobre as atletas brasileiras, mas a última reportagem do terceiro bloco refere-se à seleção masculina.

Na quarta-feira, 3, estreia das mulheres na Olimpíada e véspera do primeiro confronto masculino, a primeira matéria chamada pela apresentadora é sobre os homens e as últimas duas reportagens do programa são destinadas ao feminino. Neste bloco, a equipe feminina de futebol divide espaço com uma matéria sobre a seleção feminina de handebol. Porém, no dia seguinte, 4, primeiro jogo do time

¹⁹O futebol estreia, normalmente, antes da abertura oficial dos Jogos Olímpicos, que no Brasil seria em 3 de agosto, com o primeiro jogo da seleção feminina no dia 3 de agosto, quarta-feira, e o da seleção masculina na quinta-feira, 4 de agosto.

masculino, todo o quarto e último bloco do Globo Esporte é reservado a eles. As mulheres que conquistaram a vitória sobre a China estão no final do terceiro bloco. Na abertura aparecem as duas seleções, com a masculina sendo mencionada, por primeiro, pela apresentadora Fernanda Gentil: “hoje é o dia deles... Começa a busca pelo ouro inédito” e “elas estrearam com vitória”.

O programa da abertura da Olimpíada, no dia 5, não cita a seleção feminina que enfrentaria a Suécia no dia seguinte. Os homens são anunciados no final do segundo bloco com uma matéria de 5’22” sobre o empate com a África do Sul no primeiro jogo. A mesma situação ocorre no Globo Esporte de segunda-feira, 8, em que não é veiculada nenhuma notícia sobre o grupo feminino que goleou as suecas por 5 a 0 na noite de sábado, 6. Sobre a seleção masculina, a abertura e a primeira matéria do programa falam do empate com o Iraque no dia anterior.

Retornando a falar sobre futebol olímpico na quarta-feira, 10, a primeira reportagem do segundo bloco do Globo Esporte é com a equipe masculina do Brasil²⁰. Na sequência da semana, 11 de agosto, os homens abrem o terceiro bloco com uma matéria assinada por Abel Neto comentando sobre a primeira vitória masculina. Já as mulheres, que disputariam as quartas de final no dia seguinte, não são citadas. Entretanto, aparecem no dia do jogo, na segunda matéria do terceiro bloco, mas atrás da reportagem sobre o desempenho do jogador da seleção masculina, Luan, que iniciou o terceiro bloco.

No sábado, 13, pós vitória nos pênaltis da equipe feminina e no dia do jogo da masculina, não está disponível a íntegra do Globo Esporte. Por isso não é possível comparar a ordem das reportagens.

O futebol olímpico volta a ser assunto no programa de terça-feira, 16, dia da semifinal feminina e véspera da masculina. As notícias sobre os homens são veiculadas logo após a abertura do programa, sendo a primeira matéria apresentada. Sobre as mulheres, há uma chamada de 10” da apresentadora Fernanda Gentil antes de encerrar o Globo Esporte. Na quarta-feira, 17, dia confronto valendo vaga na final do torneio masculino, as informações sobre o time brasileiro são apresentadas no final do programa com o repórter Mauro Naves falando ao vivo do local da partida por 1’33”.

²⁰ A ordem em que está a reportagem feminina é desconhecida, pois o programa que foi disponibilizado pelo site Globo Play possui algumas falhas na sua íntegra.

Obtendo, assim, mais tempo e espaço que a feminina no dia em que iria disputar a semifinal. Ainda, nesse programa não aparece nenhuma informação sobre a derrota da seleção feminina para a Suécia nos pênaltis, que tirou a possibilidade de as mulheres disputarem o inédito ouro olímpico.

Já a vitória da seleção masculina na semifinal rendeu a primeira matéria do Globo Esporte, do dia 18 de agosto. A equipe feminina voltou a ser notícia no programa da sexta-feira, 19, dia da disputa pela medalha de bronze. Neste programa, pela primeira e única vez, não é veiculada nenhuma informação sobre o grupo brasileiro de futebol masculino, que retorna ao programa seguinte, sábado, 20 de agosto, dia da final masculina e posterior à derrota feminina para o Canadá que deu às meninas o 4º lugar na Olimpíada. A reportagem sobre as mulheres é a segunda do primeiro bloco e a dos homens é a primeira do terceiro.

A ordem em que as notícias são dispostas nos blocos de um telejornal seguem critérios de noticiabilidade de acordo com o grau de importância que a matéria apresenta para a editoria. Dessa forma, como explica Curado (2002) as notícias que possuem maior impacto são colocadas no início dos blocos e as que abordam conteúdos mais leves são veiculadas no final. Além disso, a reportagem mais importante é a primeira a ser veiculada no programa e as que aparecem como 2ª ou 3ª na ordem são as que possuem menor valor noticioso.

Das 14 matérias masculinas: nove são reproduzidas no início dos blocos, das quais quatro foram veiculadas no começo do Globo Esporte; três no encerramento dos blocos; e um bloco foi reservado ao time masculino no dia da estreia na competição²¹. A seleção feminina aparece duas vezes no final e em quatro como a segunda matéria dos blocos. Em nenhum momento, foram veiculadas informações sobre a equipe feminina no início dos blocos demonstrando que os jogos e os resultados da seleção feminina não eram as notícias esportivas mais importantes no país do futebol. Ainda, metade das informações foi transmitida entre a primeira e a última reportagem, caracterizando-se com pouco valor noticioso para a editoria do Globo Esporte.

²¹ Os programas de 10 e 13 de agosto não foram disponibilizados na íntegra pelo Globo Play, por isso não foi possível verificar a ordem de duas matérias femininas e uma masculina.

A forma como a seleção de futebol feminino aparece na mídia é a consequência de quase um século de proibições e da marginalização da modalidade exposta nos pensamentos vigentes na sociedade e concretizada a com o Decreto-Lei nº 3.199/41. Após mais de 30 anos da anulação da Lei é possível verificar que o contrato social criado sobre a prática de futebol pelas mulheres ainda precisa ser revogado.

Essa movimentação social, por sua vez, indica que nem sempre mudanças operadas no âmbito legislativo implicam, de fato, em mudanças no espaço social mais amplo, de modo que o “reposicionamento” legal da mulher frente aos esportes que “feriam sua essência” não significou a quebra imediata de tabus, mitos e preconceitos direcionados histórica e socialmente em relação a esse grupo (SALVINI, SOUZA, JÚNIOR, 2015, p. 559-560).

Há anos as mulheres que praticam a modalidade buscam espaço na sociedade e mídia brasileiras. No entanto, o reconhecimento do futebol feminino como esporte que representa o país ainda terá de enfrentar muitas batalhas e a seleção brasileira feminina ganhar mais títulos até conseguir a legitimação no país.

5.2 Quantidade de Reportagens no Programa

Dos 18 programas analisados, 15 trataram sobre futebol olímpico. Deste número, 14 foram matérias sobre a seleção masculina e oito da feminina. Somente na véspera da final masculina, não é noticiado nada sobre o grupo brasileiro. Nos outros programas, mesmo não tendo nenhum confronto no dia seguinte ou anterior, sempre aparece alguma reportagem sobre o time comandado por Rogério Micalle. Logo, todos os dias em que havia partidas e informações sobre os jogos, elas foram veiculadas pelo programa.

As matérias sobre a equipe feminina comandada por Vadão são produzidas no primeiro Globo Esporte de agosto (1/8); no dia da estreia no torneio olímpico e a repercussão da vitória no primeiro jogo (3/8 e 4/8); no dia seguinte ao empate na última partida pela fase de grupos (10/8); na disputa das quartas de final e a consequente repercussão da vitória nos pênaltis contra a Austrália no Globo Esporte seguinte (12/8 e 13/8); no confronto pela medalha de bronze; e após a derrota na disputa pelo terceiro lugar (19/8 e 20/8).

Pode-se observar que em muitos momentos importantes para a seleção feminina, não há matérias sobre a equipe: na véspera de todos os jogos e sobre a derrota na semifinal feminina. Além disso, no dia da partida pela semifinal, há no Globo Esporte apenas uma chamada de 10” para o confronto, sem informações sobre a preparação do time, possível escalação ou expectativa para o jogo, como foi noticiado em todos os jogos do grupo masculino.

A opção por dar mais espaço a seleção masculina partiu de dentro da redação do Globo Esporte, pois a produção de notícias é um processo permeado pela busca e criação de significados, que “envolve uma gama de valores sociais agregados em cada etapa da sua constituição, passando pela formulação da linguagem - textual, imagética e lúdica – até sua circulação que acontece didaticamente” (SILVA, 2010, p. 40). Uma decisão consciente ou inconsciente que reflete como o jornalismo esportivo brasileiro enxerga o futebol feminino. Como expõe Silva (2010), a escolha por noticiar mais um determinado assunto é possível porque vivemos em um universo simbólico partilhado que envolve pessoas, ideologias, significações, sensações, gostos e visões de mundo.

Mais do que isso, o jornalismo é tido como um conhecimento social que reproduz saberes historicamente produzidos e selecionados como devendo ou podendo ocupar espaço a partir daquilo que a sociedade considera digno de ser reconhecido. Assim, para a autora “o jornalismo desvelou-se constituído de gênero. E o gênero do jornalismo é masculino” (SILVA, 2010, p. 205).

5.3 Número de Repórteres Envolvidos

O número de repórteres e o local de gravação das matérias se alteram conforme o gênero da seleção que está sendo noticiada. Das 14 matérias masculinas, oito são assinadas por Eric Faria, sendo que em duas ele aparece falando ao vivo. O repórter Mauro Naves aparece em cinco reportagens, das quais três são no estilo “ao vivo” e duas intercalando com o repórter Abel Neto. Já Abel Neto participa de três reportagens dividindo espaço, em uma delas, com Mauro Naves, no programa do dia 4 de agosto, e aparecendo em uma matéria gravada e depois falando ao vivo do local

da estreia da equipe masculina na Olimpíada, na sequência das reportagens. Ele faz mais uma reportagem entrando ao vivo do hotel do time masculino em 20 de agosto.

Pelo lado feminino também há a variedade de três repórteres assinando as matérias da seleção. Entretanto, Kiko Menezes aparece somente no dia da estreia da equipe falando com torcedores no estádio Engenhão e Renato Peters é o responsável pela última reportagem sobre as jogadoras brasileiras nos Jogos, em 20 de agosto. As outras matérias são feitas por Maíra Lemos, em uma dividindo espaço com o repórter Kiko Menezes e em outra, no dia da disputa de 3º lugar, falando diretamente do estádio.

Pode-se observar que há uma maior variação no número de repórteres que acompanham a seleção masculina, bem como uma quantidade maior de reportagens feitas “ao vivo” pelos profissionais. Estes números podem ser explicados como desdobramentos da quantidade de matérias destinadas às modalidades de futebol feminino e masculino. Entretanto, não podem passar despercebidos porque demonstram a importância dada a cada grupo:

A idéia da informação tendenciosa é filtrada pelo público com mais critério, todavia, nem sempre os receptores estão imunes a essa imparcialidade da informação. A abordagem feita pelos profissionais da mídia, quando da formulação de suas narrativas, distancia-se da neutralidade e essa característica pode ser notada em diversos segmentos de informação e nas inúmeras dimensões que as notícias alcançam (MOURÃO, MOREL, 2005, p. 78).

O critério para estabelecer qual repórter acompanharia determinada partida define, também, como seriam veiculadas as notícias. Como descrito acima, cada profissional produz as informações que serão disseminadas a partir de critérios pessoais que normalmente são partilhados por um grupo, mas que partem da intenção do repórter. Em relação à cobertura da seleção masculina foi possível observar um padrão no estilo das reportagens, que abordavam informações sobre os jogos acompanhando a preparação, expectativas e resultados, além de oferecer espaços de visibilidade aos profissionais do grupo que estavam se destacando, como o treinador Rogério Micalé e os jogadores Neymar e Luan.

Pelo lado feminino, registramos uma mudança na escolha do repórter na última matéria analisada sobre a seleção feminina que informava sobre a derrota da equipe na disputa da medalha de bronze. Maíra Lemos foi a responsável por acompanhar as jogadoras desde o início dos Jogos e na reportagem que mostraria o legado que as

meninas deixariam nesta Olimpíada, o repórter Renato Peters assinou a matéria dando espaço para a sua subjetividade decidir como a derrota seria apresentada. Frases como “a reação? Muito pouco né Marta?! Sem contar os cruzamentos para a área sem muito resultado” e “a seleção não se entregou, lutou até o último minuto, mas cá entre nós: não parecia o Brasil” mostrando uma imagem da Marta tentando chutar, resbalando e caindo, expõe a opinião do repórter de que o 4º lugar, aparentemente, era justo e as meninas estavam abaixo do padrão de qualidade do futebol brasileiro.

A escolha por utilizar determinadas palavras parte do ponto de vista sobre sociedade, humanidade e História encontrado nas e pelas formas de conhecimento social, como o Jornalismo. Entretanto, humanidade e História são processos que estão permanentemente sendo construídos e desconstruídos impossibilitando que a atividade jornalística seja completamente objetiva, ou seja, absolutamente neutra (SILVA, 2010).

Isto não acontece por motivos de ordem psicológica como dizem os manuais. Não é porque o indivíduo está psicologicamente envolvido com o fato, mas porque toda a forma de conhecimento pressupõe também um posicionamento do sujeito diante do objeto. Essa é a razão mais profunda porque o próprio jornalismo implica uma visão ideológica, implica um posicionamento ético e político sobre a realidade (MEDITSCH, 1992 *apud* SILVA, 2010, p. 35).

Assim, o modo como o repórter noticiou a derrota feminina, na disputa por um lugar no pódio, acompanha os posicionamentos que a imprensa esportiva vem adotando desde que as mulheres começaram a praticar futebol no Brasil. Cerca de um século depois da realização da primeira partida de futebol feminino, é possível perceber que a maioria das reportagens jornalísticas não compreende a modalidade feminina e a dimensão que ela ocupa na sociedade brasileira.

5.4 Os Personagens

Das oito reportagens femininas, em duas aparecem entrevistas com torcedores falando sobre a expectativa para a estreia do time na competição e no último jogo pela primeira fase, nos programas dos dias 3 e 10 de agosto, respectivamente, e uma em que a repórter Maíra Lemos aparece ao vivo do local da partida da decisão da medalha

de bronze e não há nenhuma entrevista. Assim, analisando os espaços de fala presentes nas sete matérias observamos que 11 jogadoras concederam entrevistas: Marta apareceu em quatro matérias; Debinha e Andressa Alves em três; Tamires e Bárbara em duas; enquanto as atletas Formiga, Érika, Cristiane, Mônica, Aline e Raquel são ouvidas em uma reportagem.

Já no masculino, das 14 matérias veiculadas durante o período da Rio 2016, os torcedores ganham espaço apenas no dia da estreia da equipe, no Globo Esporte de 4 de agosto, e nos programas dos dias 16, 17 e 20 de agosto a matéria é com o repórter falando ao vivo do hotel ou do local da partida. Nas demais reportagens foram entrevistados o treinador Rogério Micalé (cinco vezes), Renato Augusto (quatro vezes), Gabriel Jesus (três vezes), Wéverton, Neymar, Gabigol, Luan e Marquinhos estão em duas matérias enquanto Rodrigo Caio aparece em uma.

Analisando os personagens que possuíram espaços de fala nas reportagens percebemos que o treinador do time masculino, Rogério Micalé, foi o mais entrevistado entre as matérias femininas e masculinas. Mais do que isso, nos programas dos dias 4, 8, 10 e 18 de agosto ele figura como personagem principal a partir do qual as notícias são produzidas. Todas as reportagens sobre o grupo masculino falam da organização tática da equipe ou das qualidades técnicas dos jogadores.

Já as da seleção feminina não citam escalação do time, estratégias e posicionamentos táticos ou a parte técnica das atletas. Tampouco o técnico aparece nas reportagens. Apesar de ter entrevistado 11 jogadoras, em comparação com os oito que apareceram do grupo masculino, a condução das informações procura tornar as matérias mais atrativas mostrando uma visão mais alegre do futebol: no primeiro programa a matéria apresenta a diversidade de idiomas que compõe o grupo; no dia 10 de agosto, utilizou-se a frase “para compensar a falta de gols, carinho e muita *selfie* com os torcedores” na reportagem que mostrava o empate no último jogo pela primeira fase; e no dia da partida pelas quartas de final, as jogadoras aparecem tirando fotos e brincando no início do último treino antes do confronto. Além de mostrar o lado da feminilidade das atletas na estreia na Olimpíada, 3 de agosto, destacam-se os diferentes biotipos e locais de origem das atletas, falando, em especial, sobre a beleza da goleira Bárbara.

A opção pelo método que orienta a produção das matérias demonstra uma preocupação com a necessidade de fazer com que o público veja o futebol feminino como legal e divertido, além de ressaltar os atributos femininos das jogadoras.

Assim, parece que houve um reforço, no contexto do futebol feminino, da desvalorização da qualidade da pessoa, do feminino em si, e a valorização daquilo que já ocorre no processo de socialização, ou seja, da beleza feminina estereotipada, contraposta até as suas qualidades técnicas, no nosso caso, das suas capacidades atléticas, e habilidades futebolísticas (KNIJNIK, VASCONCELLOS, 2003, p. 16).

Se houver audiência haverá patrocinadores interessados em incentivar financeiramente as transmissões de futebol feminino e, conseqüentemente, a modalidade feminina receberá mais espaço no jornalismo esportivo, pois:

O apelo à beleza das jogadoras e a erotização de seus corpos tem como um dos pilares de sustentação o argumento de que, se as moças forem atraentes, atrairão público aos estádios e, portanto, ampliarão os recursos captados com os jogos, propagandas, produtos e serviços a girar em torno da modalidade. Atrairão, sobretudo, patrocinadores, cuja ausência é comumente apontada pela mídia esportiva como um dos grandes problemas do futebol no Brasil (GOELLNER, 2005, p. 147 – 148).

No entanto, destacar a beleza das atletas não foi o suficiente para o Globo Esporte. Foi preciso um discurso de jogadores masculinos para legitimar o futebol feminino. Assim, no programa de 4 de agosto, dia seguinte a primeira vitória das meninas, aparece um vídeo com quatro jogadores da seleção masculina (Neymar, Marquinho, Felipe Anderson e Rafinha) desejando sorte para a “galera do futebol feminino”. Veicular em uma matéria que os homens estão, aparentemente, apoiando à seleção feminina reitera que a modalidade está sempre na sombra da masculina. Ou como comprovam Mourão e Morel (2005, p. 84), a maneira como a mídia noticia o futebol feminino é “[...] atravessada por narrativas e imagens que exacerbam uma comparação cansativa com os jogadores profissionais e com o futebol masculino, como se o FF (futebol feminino) não tivesse vez na cultura esportiva brasileira”.

5.5 Tempo de Duração das Matérias

Somando todos os tempos em que foram veiculadas informações sobre as seleções feminina e masculina, contando a apresentação, chegamos a um total de 43’40” disponibilizados ao time masculino e 18’57” ao feminino. A maior matéria

masculina possui 6'06" no programa após a vitória na semifinal, que garantia a possibilidade de conquistar o inédito ouro olímpico. Já a menor, é veiculada em 16 de agosto, véspera do confronto com Honduras pela semifinal dos Jogos, com 1'23".

No lado feminino, o maior espaço concedido em um Globo Esporte, no período da Olimpíada Rio 2016, foi em 13 de agosto, na reportagem de 3'08" sobre a classificação para a semifinal, em cima da Austrália, vencida após seis cobranças de pênaltis das jogadoras brasileiras. Por outro lado, a menor foi de 1'36" no dia da disputa pelo 3º jogo da fase de grupos do torneio em 12 de agosto.

A seleção feminina recebe menos da metade do tempo reservado à equipe masculina. Esses números comprovam que o aumento da visibilidade que o futebol feminino conquistou, ao longo das décadas, é pouco em comparação ao que a modalidade poderia receber no Brasil, o país do futebol.

Se pensarmos que a mídia produz valores, significações, saberes e identidades que de algum modo educam as pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar no mundo, é fácil imaginar o quanto uma alteração na forma de exibir o futebol vivenciados pelas mulheres poderia potencializar o esporte, conferindo-lhes outros sentido e significados. Mais do que isso, faria justiça a quem, desde muito tempo, também o protagoniza e constrói a sua história (GOELLNER, SILVA, BOTELHO-GOMES, 2012, p. 185).

Os meios de comunicação agem ativamente na cultura formando sujeitos e relações de poder. "Afim, as próprias questões econômicas, ideológicas, o consumo e o poder dependem fundamentalmente da geração de significados para se legitimarem socialmente" (SILVA, 2010, p. 28). A legitimação é conquistada através da interação entre valores sociais e culturais, as instâncias de poder e a sociedade, representadas na mídia e representando o que os veículos de comunicação disseminam.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando todos os programas veiculados pelo Globo Esporte durante o período dos Jogos Olímpicos Rio 2016 fica evidente que a seleção feminina brasileira de futebol continua escondida atrás dos holofotes e do poderio financeiro que o futebol masculino possui no Brasil. Foi possível observar que, mesmo quando o time masculino não estava obtendo os resultados esperados pela imprensa e população brasileira, a equipe recebia mais espaço na grade de programação, com as matérias sendo reproduzidas nas ordens que conferem maior visibilidade e importância dentro de um telejornal esportivo.

Algumas frases da apresentadora Fernanda Gentil confirmam que a ideia de superioridade do futebol masculino diante do feminino está impregnada nas interações sociais, de poder e no inconsciente de grande parte da sociedade brasileira, sendo expressa na e pela fala: “vamos então falar de futebol” na primeira vez em que o esporte olímpico é citado no programa comenta-se, apenas, sobre a seleção masculina; “falamos dos homens e, depois do intervalo, é a vez das mulheres”; “ainda hoje notícias da seleção masculina de futebol que estreia depois de amanhã”, sendo que a feminina estrearia no dia seguinte e não é mencionada neste programa; “hoje é o dia deles; começa a busca pelo ouro inédito” e “elas estrearam com vitória” na sequência. Essas frases retiradas de programas diferentes demonstram que a mídia, ao tratar de futebol, continua colocando o masculino na frente do feminino.

Um século de restrições juntamente com a proibição da prática do futebol feminino, deixou marcas que ainda não foram superadas pela sociedade e mídia brasileiras. O futebol feminino não é noticiado nos jornais diários, recebendo destaque, apenas, quando estão disputando alguma competição de relevância internacional como Jogos Olímpicos e Pan Americanos e a Copa do Mundo.

Inicialmente, comparavam-se as mulheres com homens pelo simples fato de “bater uma bolinha”. A ideia da masculinização passou a interferir na opção sexual das meninas, que começaram a ser estereotipadas com “sapatões”. Assim, buscando uma aceitação no esporte, as mulheres ficavam marginalizadas perante o pensamento da sociedade. Mesmo com todas as dificuldades impostas, as jogadoras nunca deixaram de praticar o futebol. Assim, a mídia percebeu que a modalidade

poderia gerar lucros e resolveu abrir espaço para as praticantes, mas não era o espaço que o futebol feminino desejava e, sim, o que a imprensa iria disponibilizar: o das musas do esporte e dos atributos físicos e estéticos prevalecendo sobre os esportivos

Observando essas duas tentativas de inserção das mulheres no esporte podemos perceber que elas foram frustradas pois, segundo os dados apresentados neste trabalho, a seleção feminina ainda é coadjuvante do futebol masculino. A dificuldade de legitimizar o futebol feminino ocorre porque as tentativas partem da perspectiva da modalidade masculina: igual aos homens, através da masculinização ou o seu contrário, com a erotização dos corpos femininos.

A mídia brasileira não consegue conceber a imagem de uma mulher que joga futebol sem levantar ideias e opiniões a seu respeito. Isso ocorre pela naturalização do futebol como sendo uma atividade masculina e por não vermos a modalidade feminina em toda a sua essência e especificidade. As competições e jogos de futebol feminino não possuem muito apelo popular porque não são transmitidas e, quando conseguem espaço, são narradas e comentadas pelos profissionais acostumados com a modalidade masculina que repassam esta comparação ao público.

Por isso, para que o futebol feminino conquiste espaço na mídia é preciso conceber o esporte através das suas especificidades e as atletas a partir das suas qualidades esportivas. As regras são as mesmas, mas a forma de jogar, a organização tática, a técnica das atletas, o ritmo de jogo são completamente diferentes. Se o torcedor for assistir uma partida feminina e esperar encontrar traços e jogadas rotineiras das masculinas é possível que se frustre com o que lhe será oferecido. No entanto, se ele acompanhar um jogo feminino com as informações que caracterizam a modalidade, como toques curtos e rápidos, espaço para habilidade individual e disputa coletiva, ele poderá se interessar mais pelo que está vendo.

Nesse sentido, a mídia, como atuante direta na cultura e legitimadora de estigmas sociais, poderia modificar a forma como representa o futebol feminino, deixando de vê-lo com uma sombra do masculino e concebendo a autenticidade da modalidade. Entretanto, o jornalismo esportivo só abrirá espaço para o futebol feminino quando ele se tornar uma mercadoria, a exemplo do que ocorreu com a prática masculina. Para virar um produto o futebol feminino precisa conquistar a

audiência, que será revertida em números para os anunciantes. Mas sem receber informações sobre jogos e competições da modalidade feminina, como o público poderá ter conhecimento e querer acompanhar o esporte? Como os torcedores poderão se interessar por algo que não têm acesso?

O papel do jornalismo é noticiar fatos e acontecimentos que sejam de interesse público. No país do futebol, não há motivos para que o futebol feminino não seja visto como de interesse público. Afinal, será que só por ser praticada por mulheres a modalidade feminina não pode ser legitimada no esporte considerado paixão nacional?

Por isso, a mídia esportiva brasileira deveria fazer com o futebol feminino o mesmo que fez com a modalidade masculina no início do século XX: ajudando o esporte a se disseminar e conquistar novos adeptos porque quando o jornalismo esportivo começou a legitimar o futebol feminino, a sociedade também o fará e quando a seleção brasileira de futebol feminino não receber medalhas, apenas, nas competições que disputa, mas também espaço e visibilidade no Brasil.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBRECHT, R. **No Jornalismo: Seleção Feminina de Futebol Perde para a Masculina**. 2015. 17 f. Especialização (Jornalismo Esportivo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- ALCOBA LÓPEZ, Antonio. **Periodismo Deportivo**. Madrid: Sínteses, 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CESAR, Willy. **Um Século de Futebol Popular: A história do Sport Club São Paulo**. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2012.
- COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- CORNU, Daniel. **Jornalismo e Verdade: para uma ética da informação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- CURADO, Olga. **A Notícia na TV – o dia-a-dia de quem faz Telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002, p.194.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e Futebol no Brasil: entre sombras e invisibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 153-151, 2005.
- GOELLNER, Silvana Vilodre; Paula SILVA; Paula BOTELHO-GOMES. **A sub-representação do futebol praticado por mulheres no jornalismo esportivo de Portugal: um estudo sobre a Algarve women'sfootballcup**. Portugal, 2012.
- GOMES, Wilson. **Jornalismo, Fatos e Interesses: Ensaios de teoria de jornalismo**. Florianópolis. Editora Insular, 2009.
- GUERRA, Josenildo Luiz. **O percurso Interpretativo na Produção da Notícia**. São Cristóvão. Editora UFS. Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.
- KARAM, Francisco José. **Jornalismo, Ética e Liberdade**. 2ed. São Paulo: Summus, 1997.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman; Esdras Guerreiro VASCONCELLOS. Sem impedimento: O coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: COZAC, João (org). **Com a Cabeça na Ponta da Chuteira – ensaios sobre a psicologia do esporte**. São Paulo, Annablume / Ceppe, p. 1-18, 2003.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2ed. São Paulo: Geração, 2004.
- LOVILOSO, H. Saudoso Futebol, Futebol Querido: a ideologia da denúncia. In: HELAL, Ronaldo (org). **Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro. <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/viewFile/14662/11136> Acessado em 15 de outubro de 2016.
- MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. O Futebol Feminino e sua Inserção na Mídia: A diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a prática**, 69 – 81, 2007.
- MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda: Jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 6ed. VOL 24. São Paulo: Summus, 1998.
- MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As Narrativas sobre o Futebol Feminino: a mídia impressa entra em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Curitiba, vol. 26, num. 2, p.73-86, 2005.

REIS, Fabio Pinto Gonçalves dos e ARRUDA, Ivan Eduardo de Abreu. Uma história do Futebol Feminino Brasileiro: superando preconceitos. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 16, Nº 163, 2011. <http://www.efdeportes.com/efd163/uma-historia-do-futebol-feminino-brasileiro.htm> Acessado em 20 de outubro de 2016.

RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

RIGO, Luis Carlos; GUIDOTTI, Flávia Garcia; THEIL, Larissa Zanetti; AMARAL, Marcela. Notas Acerca do Futebol Feminino Pelotense em 1950: Um estudo genealógico. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 29, n. 3, p. 173 -188, 2008.

SALVINI, Leila;; JÚNIOR Vanderley Marchi. Uma História do Futebol Feminino nas Páginas da Revista Placar entre os anos 1980 – 1990. **Revista Movimento**, v. 19, n. 01, p. 95-115, jan/mar de 2013, Porto Alegre.

SALVINI, Leila; SOUZA, Juliano; JÚNIOR, Vanderley Marchi. Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, 559 -569, 2015.

SAVENHAGO, Igor José Siquieri. Futebol na TV: evolução, tecnologia e linguagem do espetáculo. **Verso e Reverso**. Unisinos, p. 22-31, 2011.

SILVA, M. **Masculino, o Gênero do Jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias**. 2010. 250 f. Dissertação (Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. 2ed. Florianópolis: Insular, 2005.

http://www.campeoesdofutebol.com.br/hist_selecao_brasileira.html Acessado em 10 de novembro de 2016.

<http://www.museuselecaobrasileira.com.br/museu-selecao-brasileira> Acessado em 10 de novembro de 2016.

<http://esporte.hsw.uol.com.br/jogos-olimpicos1.htm> Acessado em 08 de novembro de 2016.

<http://jornalheiros.blogspot.com.br/2016/07/historia-do-futebol-nos-jogos-olimpicos.html> Acessado em 29 de outubro de 2016.

<http://www.otempo.com.br/hotsites/olimp%C3%ADadas-2016/o-hist%C3%B3rico-da-sele%C3%A7%C3%A3o-brasileira-nas-olimp%C3%ADadas-at%C3%A9-alcan%C3%A7ar-o-ouro-1.1359054> Acessado em 29 de outubro de 2016.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Globo_Esporte Acessado em 27 de outubro de 2016.

<http://redeglobo.globo.com/programacao.html> Acessado em 27 de outubro de 2016.

<http://www.efdeportes.com/efd163/uma-historia-do-futebol-feminino-brasileiro.htm> Acessado em 27 de outubro de 2016

<http://globoesporte.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/futebol/noticia/2016/02/trabalho-de-formiguinha-trajetoria-de-formiga-no-futebol-feminino-video.html> Acessado em 12 de dezembro.

<http://selecao.cbf.com.br/noticias/selecao-feminina/olimpiadas-2016-confira-a-ficha-tecnica-das-18#.WE8Bm7IrdU> Acessado em 12 de dezembro.

Programa 01 de agosto: <https://globoplay.globo.com/v/5203740/> Acessado em setembro de 2016.

Programa de 02 de agosto: <https://globoplay.globo.com/v/5212748/> Acessado em setembro de 2016.

Programa de 03 de agosto: <https://globoplay.globo.com/v/5212761/> Acessado em setembro de 2016.

Programa 04 de agosto: <https://globoplay.globo.com/v/5212771/> Acessado em setembro de 2016.

Programa de 05 de agosto: <https://globoplay.globo.com/v/5214573/> Acessado em setembro de 2016.

Programa de 08 de agosto: <https://globoplay.globo.com/v/5219935/> Acessado em setembro de 2016.

Programa de 09 de agosto: <https://globoplay.globo.com/v/5222629/> Acessado em setembro de 2016.

Programa de 10 de agosto: <https://globoplay.globo.com/v/5225387/> Acessado em setembro de 2016.

Programa de 11 de agosto: <https://globoplay.globo.com/v/5227980/> Acessado em setembro de 2016.

Programa de 12 de agosto: <https://globoplay.globo.com/v/5231060/> Acessado em setembro de 2016.

Programa de 13 de agosto: <https://globoplay.globo.com/v/5233062/> Acessado em setembro de 2016.

Programa de 13 de agosto: <https://globoplay.globo.com/v/5233129/> Acessado em setembro de 2016.

Programa de 15 de agosto: <https://globoplay.globo.com/v/5236656/> Acessado em setembro de 2016.

Programa de 16 de agosto: <https://globoplay.globo.com/v/5239452/> Acessado em setembro de 2016.

Programa de 17 de agosto: <https://globoplay.globo.com/v/5241964/> Acessado em setembro de 2016.

Programa de 18 de agosto: <https://globoplay.globo.com/v/5244817/> Acessado em setembro de 2016.

Programa de 19 de agosto: <https://globoplay.globo.com/v/5247427/> Acessado em setembro de 2016.

Programa de 20 de agosto: <https://globoplay.globo.com/v/5249689/> Acessado em setembro de 2016.

Programa de 22 de agosto: <https://globoplay.globo.com/v/5252588/> Acessado em setembro de 2016.